

Jovens no Pós-Secundário em 2017

Percursos de Inserção Escolar e Profissional



DGEEC | outubro | 2018

FICHA TÉCNICA

Título

Jovens no pós-secundário em 2017 – percursos de inserção escolar e profissional

Autores

Susana Fernandes, Patrícia Pereira, Ricardo Cotrim, Joana Duarte e Luísa Canto e Castro
Equipa de Estudos de Educação e Ciência (EEEC)/ Direção Geral de Estatísticas da Educação e
Ciência (DGEEC)

Edição

Direção de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC)

Av. 24 de Julho, n.º 134

1399-054 Lisboa

Tel.: (+351) 213 949 200

Fax: (+351) 213 957 610

E-mail: dgeec.eeec@dgeec.mec.pt

URL: <http://www.dgeec.mec.pt>

ÍNDICE

Sumário executivo	4
Introdução	6
1. Caracterização	7
2. Trajetos pós-secundários dos jovens dos cursos científico-humanísticos:	10
2.1. Trajeto dos jovens que se encontravam exclusivamente a estudar.....	12
2.1.1 Razões para o prosseguimento de estudos: melhorar as possibilidades de encontrar um emprego e poder exercer a profissão desejada	13
2.1.2 Áreas de estudo mais escolhidas.....	13
2.1.3 Escolha do curso e a satisfação com essa opção.....	16
2.2. Trajeto dos jovens que se encontravam exclusivamente a trabalhar	19
2.3. Trabalhadores estudantes: a conjugação entre a formação pós-secundária e o mercado de trabalho.....	21
2.3.1 A escolha do curso: a predominância do ensino universitário e das ciências sociais, comércio e direito	21
2.3.2 Inserção profissional: uma realidade que advém do ensino secundário	23
2.3.2.1 Razões para os jovens trabalharem enquanto frequentam uma formação pós-secundário, a maioria a tempo inteiro	25
2.3.2.2 Profissões desempenhadas.....	26
3. Jovens dos cursos profissionais: integração imediata no mercado de trabalho	27
3.01 Atividade realizada no pós-secundário.....	27
3.02 Atividades realizadas pelos jovens das diversas áreas de educação e formação	29
3.1. Um percurso destinado exclusivamente aos estudos	32
3.1.1 Prosseguimento de estudos: elemento facilitador na obtenção de um emprego desejado	32
3.1.2 A escolha da área de estudo	33
3.1.3 Motivações para escolher determinado curso	34
3.2. Integração no mercado de trabalho: uma prioridade para os jovens que frequentam os cursos profissionais.....	36
3.2.1 Independência financeira: um fator chave na decisão de começar a trabalhar	37
3.2.2 Inserção profissional: como obteve trabalho? Que regime? Que profissão?	39
3.3. Entre trajeto profissional e o trajeto escolar: o percurso dos trabalhadores estudantes	41
3.3.1 Formação e área de estudo a seguir no trajeto pós-secundário.....	41
3.3.2 Momento de inserção profissional.....	44

3.3.3 Razões para começar a trabalhar e quais as profissões desempenhadas	46
4. Representações e avaliações	48
4.1 Satisfação com o curso, a escola e os professores	48
4.2 Competências desenvolvidas no ensino secundário: cursos científico-humanísticos versus cursos profissionais.....	51
4.3 Vantagens do ensino secundário no prosseguimento de estudos e na integração no mercado de trabalho.....	52
Nota metodológica	54
Anexos.....	55

Sumário executivo

A publicação *Jovens no Pós-Secundário em 2017 – percursos e inserção escolar e profissional* está organizada em quatro capítulos. No primeiro capítulo apresentamos a descrição destes jovens relativamente a características sociodemográficas tais como: género, escalão etário, escolaridade dominante da família e média das classificações no ensino secundário, numa análise comparativa por oferta de educação e formação e natureza do estabelecimento de ensino frequentado no secundário. Nos segundos e terceiros capítulos analisamos em profundidade os trajetos pós-secundários percorridos pelos jovens que concluíram o ensino secundário, respetivamente nos cursos científico-humanísticos e nos cursos profissionais. No quarto e último capítulo, analisamos as representações face à satisfação com a escola, os professores e o curso, bem como, as competências desenvolvidas no curso ao longo do percurso pelo ensino secundário.

Sumarizam-se, de seguida, os principais resultados de cada um dos quatro capítulos:

Capítulo 1 [*Caracterização*]: dos 67.410 alunos que concluíram o ensino secundário em 2017, 63,2% encontrava-se exclusivamente a estudar, 22,0% estavam exclusivamente a trabalhar, 6,8% estudavam e trabalhavam ao mesmo tempo e, por último, 6,4% estavam à procura de trabalho e não estavam a estudar. No que refere à modalidade frequentada no ensino secundário, 61,6% frequentaram um curso científico-humanístico (CCH) e 35,0% um curso profissional (CP). As raparigas predominam entre os diplomados provenientes dos CCH, Ensino Artístico Especializado (EAE) e Cursos Vocacionais (CV) mas estão em minoria entre os diplomados provenientes dos CP e dos Cursos Tecnológicos (CT). Em termos de distribuição etária destaca-se a presença maioritária dos jovens de 19 anos, embora com diferenças assinaláveis por modalidade frequentada no secundário. Já no que se refere às médias de conclusão do secundário, o padrão tem diferenças relativamente diminutas por modalidade frequentada: repartição equilibrada nos intervalos 10 a 14 valores e 15 a 17 valores e percentagens de jovens com médias de excelência (18 a 20 valores) que variam de 4,6% nos CP a 20,7% nos CT.

Capítulo 2 [*Trajetos pós-secundários dos jovens dos cursos científico-humanísticos*]: entre os jovens que concluíram o ensino secundário via CCH no ano letivo de 2015/16 ou 2016/17, 91,8% encontrava-se a prosseguir estudos em 2017, à data do inquérito (incluindo-se aqui os 6,8% que acumulavam o estudo com uma atividade profissional). A percentagem dos que se encontravam exclusivamente a trabalhar era de, apenas, 5,0%, pelo que, a dos que se encontravam na situação “nem a trabalhar nem a estudar” ascendia a 3,2%. O prosseguimento de estudos deu-se, predominantemente, para o ensino superior universitário (com mais de 70% dos que prosseguiram estudos) e para as áreas de “Ciências Sociais, Comércio e Direito”, “Saúde e Proteção Social” e “Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção” que, no conjunto, representam cerca de 67% das escolhas destes jovens. Quanto à relação entre a média de conclusão do ensino secundário e a área do curso superior frequentado, os dados deste inquérito estão, em tudo, alinhados com o padrão divulgado no âmbito do concurso nacional de acesso ao ensino superior, com as áreas da “Saúde e

Proteção Social” e da “Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção” a concentrarem, comparativamente, mais jovens com médias entre 18 e 20 valores. Uma nota ainda para uma característica particular da franja de jovens que se encontra a trabalhar e a estudar (6,8%): o início da atividade profissional ocorreu, em geral, enquanto ainda alunos do ensino secundário e são razões de natureza financeira as mais referidas para terem optado por uma conciliação do prosseguimento de estudos com a atividade laboral.

Capítulo 3 [*Jovens dos Cursos Profissionais: Integração imediata no mercado de trabalho*] entre os jovens que concluíram em 2015/16 um curso profissional de nível secundário, 58,2% encontrava-se a trabalhar em 2017, à data do inquérito (incluindo-se aqui os 6,8% que acumulavam a atividade profissional com o prosseguimento de estudos) e 25,8% encontravam-se, exclusivamente, a estudar. Remonta, assim, a 16% a percentagem dos que se encontravam na situação “nem a estudar nem a trabalhar”, não significando isto, no entanto, que não houvesse da parte da maioria destes jovens interesse em encontrar emprego. Uma análise da taxa de empregabilidade e/ou prosseguimento de estudos por área de educação e formação do curso profissional frequentado no ensino secundário permite destacar, no topo, as da “Produção agrícola e animal”, das “Artes do espetáculo” e da “Metalurgia e metalomecânica”, todas com taxas superiores a 88%. Com taxas de empregabilidade e/ou prosseguimento de estudos abaixo dos 80% e, ainda assim, acima dos 78%, surgem apenas seis áreas: “Secretariado e trabalho administrativo”, “Marketing e publicidade”, “Indústrias alimentares”, “Serviços de apoio a crianças e jovens”, “Design” e “Contabilidade e Fiscalidade”. A maioria dos jovens que se encontravam a trabalhar começaram a atividade profissional imediatamente após o final do curso. Apontaram como principais razões para essa opção o desejarem ter independência financeira e não quererem prosseguir estudos. Reconhecem que a conclusão do ensino secundário lhes aumentou a probabilidade de encontrar emprego e mostram-se, em geral, satisfeitos ou muito satisfeitos com o trabalho que se encontravam a desempenhar. No que refere aos diplomados com cursos profissionais que optaram por prosseguir estudos, a maioria tomou essa opção para melhorar a possibilidade de encontrar emprego e para poderem exercer a profissão desejada.

Capítulo 4 [*Representações e avaliações*] O quarto e último capítulo desta publicação reporta o balanço feito pelos jovens que concluíram o ensino secundário no ano letivo de 2015/16 ou 2016/17, no que toca a aspetos dessa fase do seu percurso escolar: satisfação com a escola, com os professores e com o curso frequentado e identificação das competências desenvolvidas. Em termos globais, a percentagem de jovens que reportou estar satisfeito ou muito satisfeito, quer com os professores, quer com o curso, quer com a escola, excedeu, em qualquer caso, os 75%. A relação que tiveram com os professores foi a mais apreciada (83,4%). Na identificação das competências desenvolvidas há perceções diferentes entre os jovens que concluíram um curso profissional e os que concluíram um curso científico-humanístico: os primeiros destacam as capacidades de trabalhar em equipa, assumir responsabilidades e tomar decisões e os segundos referem, principalmente, a capacidade de trabalhar de forma autónoma.

Introdução

A presente publicação apresenta os principais resultados da 6ª edição do inquérito “Jovens no Pós-Secundário”, em 2017, dirigido a todos os alunos 14 meses após a data prevista de conclusão do ensino secundário. Este inquérito está inserido no âmbito do Observatório de Trajetos dos Estudantes do Ensino Secundário (OTES) e é coordenado pela Direção-Geral de Estatísticas de Educação e Ciência (DGEEC). É um projeto que constitui um mecanismo de monitorização e acompanhamento dos trajetos escolares e profissionais de jovens que frequentam (ou frequentaram) o ensino secundário em escolas públicas e privadas de Portugal Continental, sendo a riqueza da sua informação um apoio importante para a tomada de decisão ao nível local e central.

Para analisar os trajetos escolares dos estudantes do ensino secundário são aplicados três inquéritos em três momentos distintos do percurso:

- Inquérito aos Estudantes à Entrada do Secundário, aplicado aos alunos matriculados nos seguintes cursos: 10.º ano dos cursos científico-humanísticos, 10.º ano dos cursos tecnológicos, 1.º ano dos cursos profissionais, 10.º ano do ensino artístico especializado e cursos de educação e formação (tipo 4 e formação complementar);
- Inquérito aos Estudantes à Saída do Secundário, aplicado aos alunos matriculados nos seguintes cursos: 12.º ano dos cursos científico-humanísticos, 12.º ano dos cursos tecnológicos, 3.º ano dos cursos profissionais, 12.º ano do ensino artístico especializado e cursos de educação e formação (tipo 5 e tipo 6, 2.º ano);
- Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário, aplicado aos jovens que compunham a coorte inicial catorze meses após a conclusão esperada do 12.º ano.

O inquérito aos jovens no pós-secundário permite inquirir:

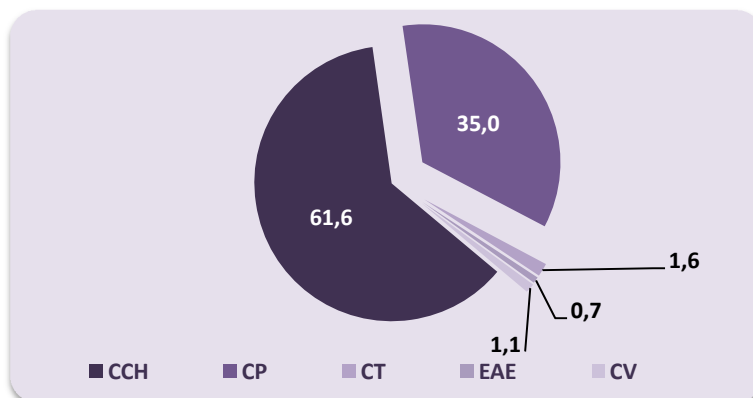
1. os alunos que concluíram o ensino secundário ou equivalente catorze meses após a data prevista de conclusão; e
2. os alunos da coorte inicial que, tendo mudado para ofertas formativas não tuteladas pelo Ministério da Educação ou sofrido reprovacões, interrupções, saídas antecipadas ou precoces ao longo do seu percurso neste nível de ensino, não foram abrangidos pelo questionário Estudantes à Saída do Secundário. É sobre este último inquérito que se vai debruçar a nossa análise.

A edição do inquérito de 2017 foi aplicada ao universo de estudantes que responderam ao inquérito “estudantes à entrada do secundário 2013/14” e “estudantes à saída do secundário 2015/16”, entre outubro de 2017 e maio de 2018. A presente edição é censitária e visa retratar o percurso de 67.410 jovens após a conclusão do ensino secundário. Para enquadrar a análise apresentada no estudo, descreve-se sumariamente as ofertas de educação e formação (ver anexo I) abrangidas por estes três momentos de inquirição.

1. Caracterização

A maioria dos jovens (61,6%) que se encontrava num percurso pós-secundário em 2017, frequentou um curso científico-humanístico (CCH) e 35,0% um curso profissional (CP). Os restantes jovens (3,4%) frequentaram outras ofertas de educação e formação, tais como os cursos tecnológicos (CT), ensino artístico especializado (EAE) e cursos vocacionais (CV) (Figura 1).

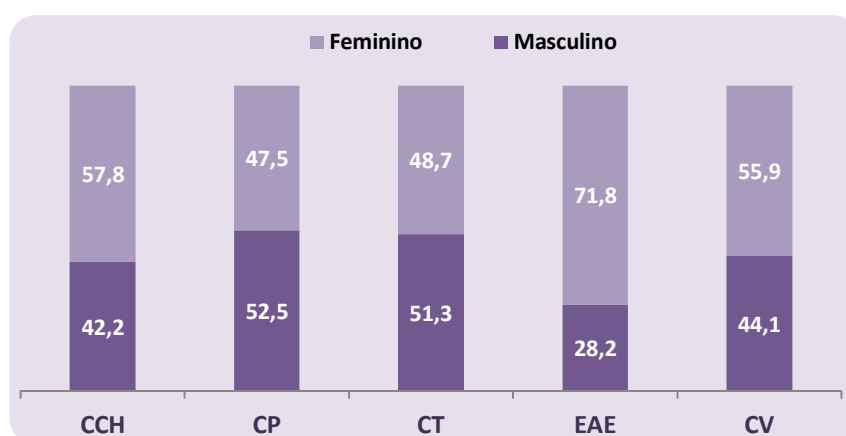
Figura 1 – Jovens por oferta de educação e formação frequentada no secundário (%)



Nota: CCH – Cursos Científico-Humanísticos, CP – Cursos Profissionais, CT – Cursos Tecnológicos, EAE – Ensino Artístico Especializado, CV – Cursos Vocacionais
Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Em termos percentuais, a presença das raparigas evidencia-se principalmente nos cursos do ensino artístico especializado (71,8%) seguindo-se os cursos científico-humanísticos (57,8%) (Figura 2). A presença dos rapazes é maioritária nos cursos profissionais e nos cursos tecnológicos (52,5% e 51,3% respetivamente).

Figura 2 – Jovens, por sexo e oferta de educação e formação (%)

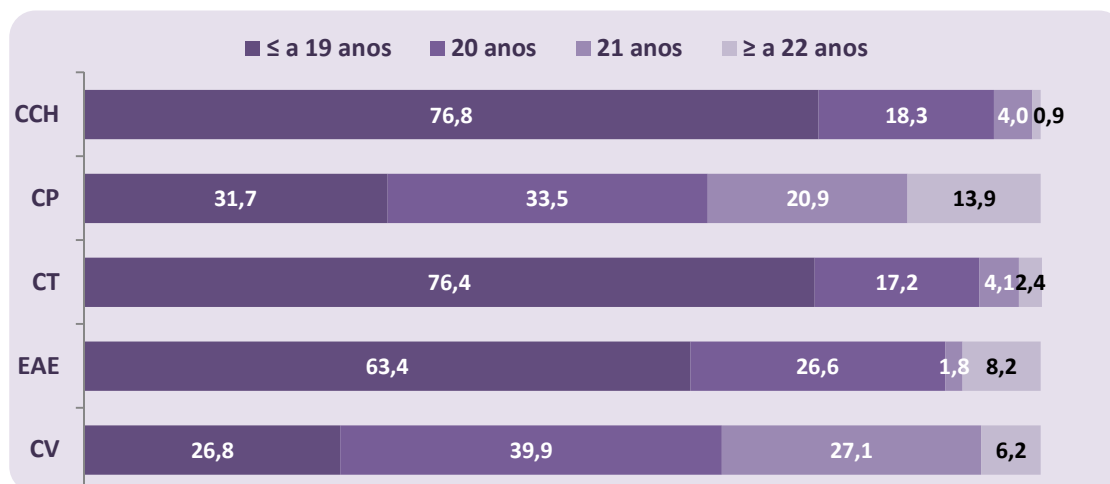


Nota: CCH – Cursos Científico-Humanísticos, CP – Cursos Profissionais, CT – Cursos Tecnológicos, EAE – Ensino Artístico Especializado, CV – Cursos Vocacionais
Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Relativamente à idade, 60,4% dos jovens tinham 19 anos ou menos e os restantes distribuíam-se em percentagem decrescente pelas seguintes idades: 23,9% com 20 anos e 15,8% com 21 anos ou mais. Os jovens que frequentaram os cursos científico-humanísticos, cursos tecnológicos e ensino

artístico especializado eram, em média, mais novos, situando-se sobretudo na faixa etária igual ou inferior a 19 anos. Por outro lado, os alunos dos cursos vocacionais e profissionais tinham, na maioria, uma idade igual ou superior a 20 anos (73,2% e 68,3% respetivamente). (Figura 3)

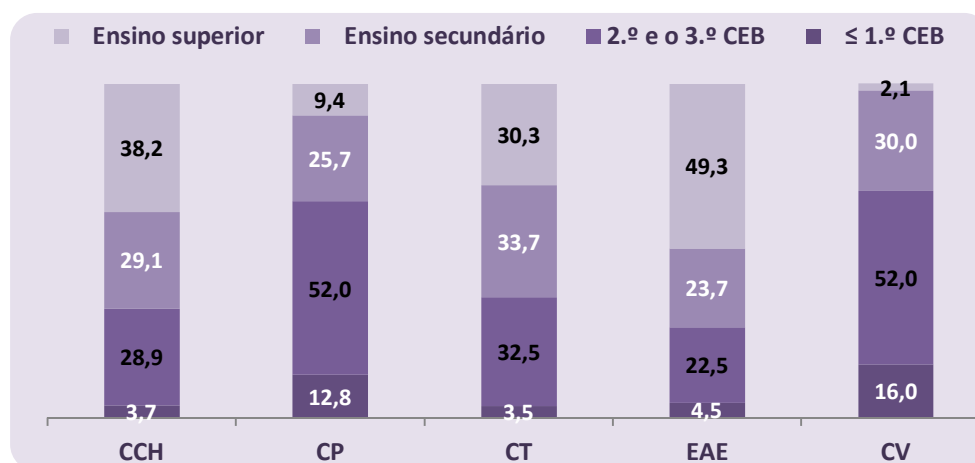
Figura 3 – Jovens, por idade e oferta de educação e formação (%)



Nota: CCH – Cursos Científico-Humanísticos, CP – Cursos Profissionais, CT – Cursos Tecnológicos, EAE – Ensino Artístico Especializado, CV – Cursos Vocacionais
 Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Os núcleos familiares dos jovens que frequentaram o ensino artístico especializado (73,0%), os cursos científico-humanísticos (67,3%) e os cursos tecnológicos (64,0%) possuíam um nível de escolaridade mais elevado (ensino superior ou secundário) (Figura 4). Numa situação inversa encontravam-se as famílias cujos jovens frequentaram os cursos profissionais (64,8%) e os cursos vocacionais (68,0%) em que a maioria possuía habilitações escolares inferiores ou iguais ao 3.º CEB.

Figura 4 – Jovens, por nível de escolaridade dominante na família e oferta de educação e formação (%)

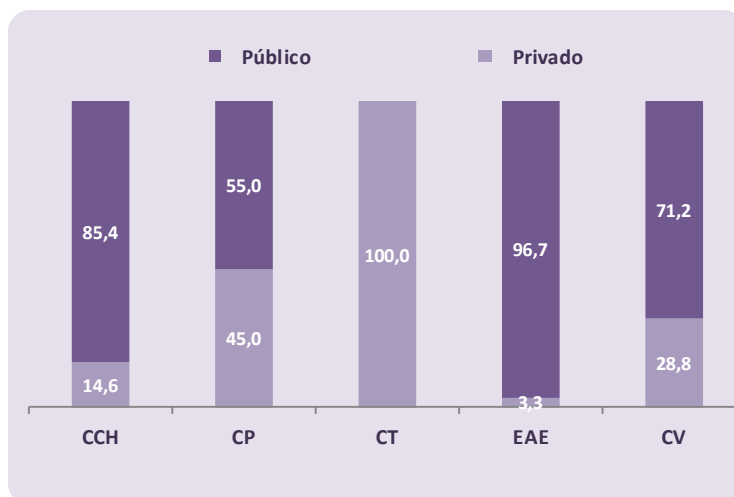


Nota: CCH – Cursos Científico-Humanísticos, CP – Cursos Profissionais, CT – Cursos Tecnológicos, EAE – Ensino Artístico Especializado, CV – Cursos Vocacionais
 Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Relativamente à natureza do estabelecimento de ensino frequentado pelos jovens, observou-se que a maioria frequentou escolas públicas (73,4%) face a 26,6% que frequentaram um estabelecimento de ensino privado (Figura 5). Foi no ensino artístico especializado (96,7%), nos cursos científico-

humanísticos (85,4%) e nos cursos vocacionais (71,2%) que se registou uma maior predominância de jovens provenientes de escolas públicas (Figura 7). Nos cursos tecnológicos todos os jovens inquiridos eram provenientes de estabelecimentos privados (100%).

Figura 5 – Jovens, por natureza de estabelecimento de ensino e oferta de educação e formação (%)

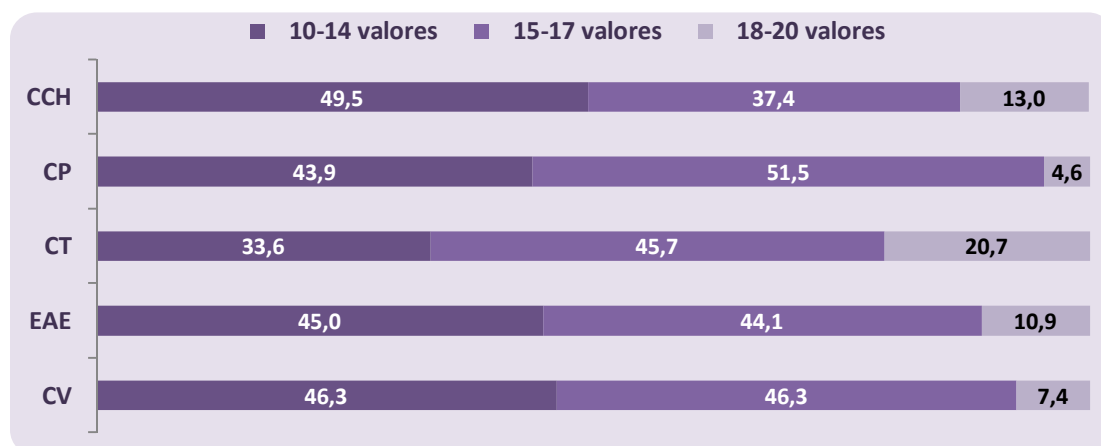


Nota: CCH – Cursos Científico-Humanísticos, CP – Cursos Profissionais, CT – Cursos Tecnológicos, EAE – Ensino Artístico Especializado, CV – Cursos Vocacionais

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Os jovens que frequentaram os cursos tecnológicos (20,7%) foram aqueles que mais obtiveram notas de excelência escolar (≥ 18 valores) (Figura 6). As médias do ensino secundário mais baixas (≤ 14 valores) foram as dos jovens dos cursos científico-humanísticos (49,5%). Para os restantes cursos, as médias situaram-se principalmente entre os 15 a 17 valores, com particular expressão nos cursos profissionais (51,5%).

Figura 6 – Média das classificações no secundário por oferta de educação e formação frequentada (%)



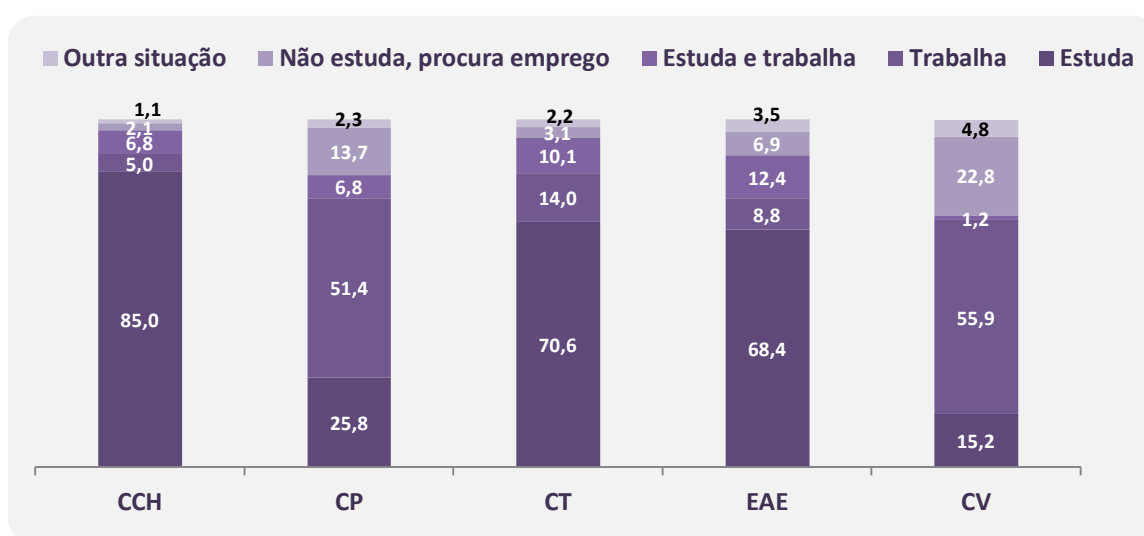
Nota: CCH – Cursos Científico-Humanísticos, CP – Cursos Profissionais, CT – Cursos Tecnológicos, EAE – Ensino Artístico Especializado, CV – Cursos Vocacionais

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Independente da oferta formativa que frequentavam, a maioria destes jovens (63,2%) encontrava-se exclusivamente a estudar, 22,0% estavam a trabalhar, 6,8% estudavam e trabalhavam ao mesmo tempo e, por último, 6,4% estavam à procura de trabalho.

A situação destes jovens, no momento da inquirição, apresentava especificidades diferentes pois enquanto que os que frequentaram os cursos científico-humanísticos se encontravam exclusivamente a estudar (85,0%) e apenas 5% a trabalhar, os que frequentaram os cursos profissionais e vocacionais, na sua maioria (51,4% e 55,9% respetivamente) encontravam-se exclusivamente a trabalhar, ou procuravam emprego (13,7% e 22,8%) (Figura 7). Estas duas situações explicam-se pela natureza dos próprios cursos, em que o primeiro está pensado principalmente para o prosseguimento de estudos superiores, enquanto o segundo está mais direcionado para uma integração imediata no mercado de trabalho com certificação profissional após a conclusão do ensino secundário.

Figura 7 – Jovens, por atividade realizada no pós-secundário e oferta de educação e formação do secundário, (%)



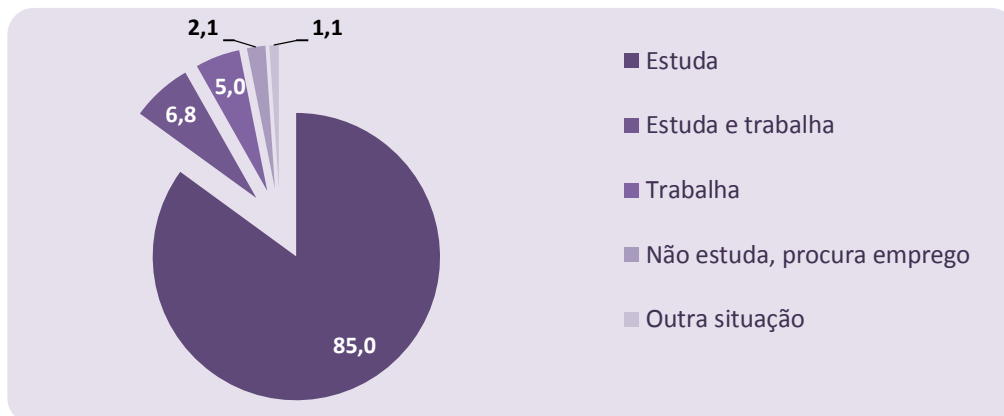
Nota: CCH – Cursos Científico-Humanísticos, CP – Cursos Profissionais, CT – Cursos Tecnológicos, EAE – Ensino Artístico Especializado, CV – Cursos Vocacionais
 Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

2. Trajetos pós-secundários dos jovens dos cursos científico-humanísticos:

Entre os jovens diplomados com o ensino secundário abrangidos pelo inquérito “Jovens no Pós-secundário 2017”, 61,6% concluíram um curso científico-humanístico, tendo este valor sido de 63,1% em 2016. Mas que trajetos seguiram estes jovens? Qual a proporção que seguiu exclusivamente os estudos, quantos optaram por iniciar a vida laboral e quantos conciliaram os estudos com o trabalho? Quais foram as suas principais motivações? Estas são as questões que pretendemos dar resposta ao longo deste capítulo.

No pós-secundário, a grande maioria dos jovens dos cursos científico-humanísticos encontrava-se exclusivamente a estudar (85,0%), indo ao encontro dos objetivos desta oferta educativa que visa o prosseguimento dos estudos. As situações de jovens trabalhadores estudantes representavam 6,8% e a percentagem dos que se encontravam exclusivamente a trabalhar assumia um valor de 5,0% (Figura 8).

Figura 8 – Jovens dos cursos científico-humanísticos, por atividade realizada no pós-secundário (%)

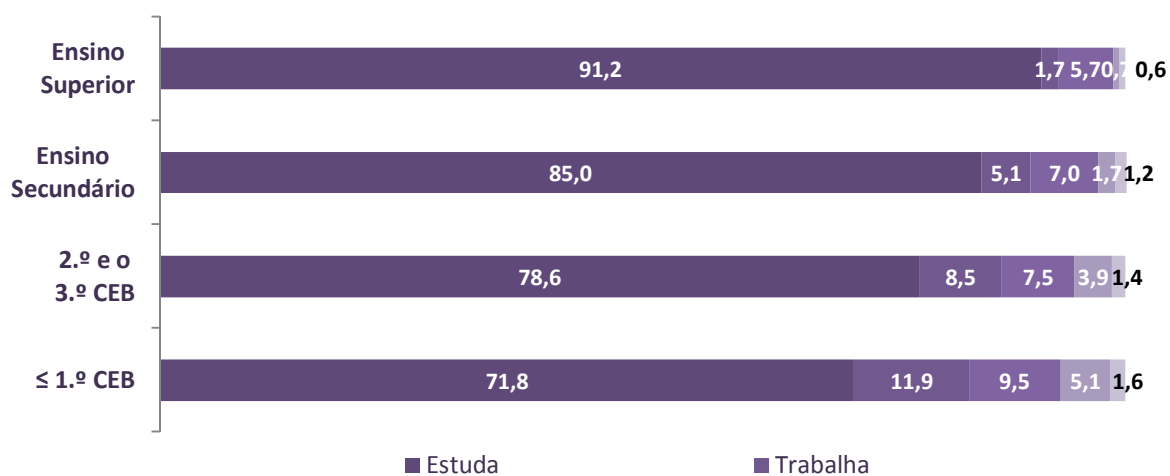


Nota: N = 41 532

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Quanto mais elevadas eram as habilitações escolares dos núcleos familiares, mais os jovens referiram estar a estudar ($\leq 1.^\circ$ CEB – 71,8% e ensino superior – 91,2%) (Figura 9). O contrário acontece com os jovens que se encontravam a trabalhar ($\leq 1.^\circ$ CEB – 11,9% e ensino superior – 1,7%) e com os que não estudavam, mas procuravam emprego ($\leq 1.^\circ$ CEB – 5,1% e ensino superior – 0,7%). Comparando estes dados com os de 2016, observa-se um decréscimo de 4,8 p.p. na percentagem de jovens oriundos de famílias com escolaridade inferior ou igual ao 1.º CEB que se encontravam apenas a estudar (71,8% face a 76,6%) e um aumento de 3,9 p.p. dos que estudavam e trabalhavam ao mesmo tempo (9,5% face a 5,6%).

Figura 9 – Jovens dos cursos científico-humanísticos, por atividade realizada no pós-secundário e nível de escolaridade dominante na família (%)

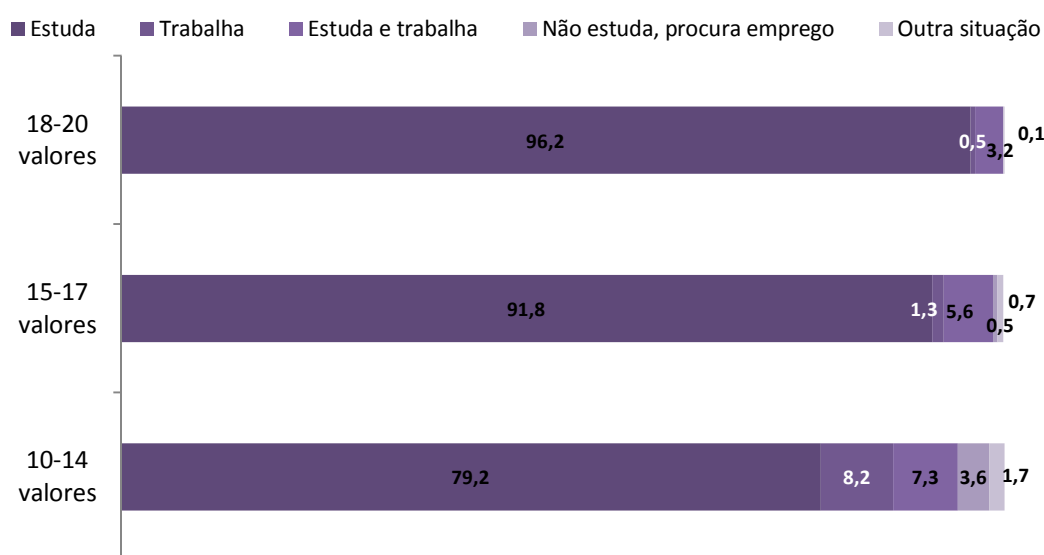


Nota: N = 41 532

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

A média das classificações no ensino secundário assume uma grande importância na vida dos jovens e, em particular, para aqueles que pretendem prosseguir os estudos. Os dados recolhidos mostram isso mesmo, que quanto mais elevada é a média das classificações, mais os jovens optaram por prosseguir estudos no pós-secundário (entre 18 e 20 valores – 96,2% e entre 15 e 17 valores – 91,8%) (Figura 10). Por outro lado, os jovens cujas médias de classificações foram mais baixas, eram aqueles que mais se encontravam a trabalhar (10-14 valores – 8,2% face a 18-20 valores – 0,5%) ou trabalhavam e estudavam (10-14valores – 7,3% face a 18-20 valores – 3,2%).

Figura 10 – Jovens dos cursos científico-humanísticos, por atividade realizada no pós-secundário e média das classificações no secundário (%)



Nota: N = 37 936

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

2.1. Trajeto dos jovens que se encontravam exclusivamente a estudar

Entre os jovens que concluíram um curso científico-humanístico, os que se encontravam exclusivamente a prosseguir estudos no pós-secundário representavam 85,0%. De seguida, apresentamos as áreas de estudo escolhidas para o prosseguimento de estudos, as principais motivações para a escolha da área de estudo, e o grau de satisfação com o percurso escolar.

O tipo de formação frequentada pelos jovens é uma questão importante para os dos cursos científico-humanísticos, que têm como pressuposto a continuação dos estudos superiores. A maioria encontrava-se a frequentar um curso universitário (70,6%), seguindo-se um curso politécnico (25,5%). Apenas 3,9% destes jovens frequentava outro tipo de formação, tal como os cursos tecnológicos pós-secundários (1,4%), cursos de educação e formação tipo 7 (0,3%), curso técnico superior profissional (0,9%), entre outros.

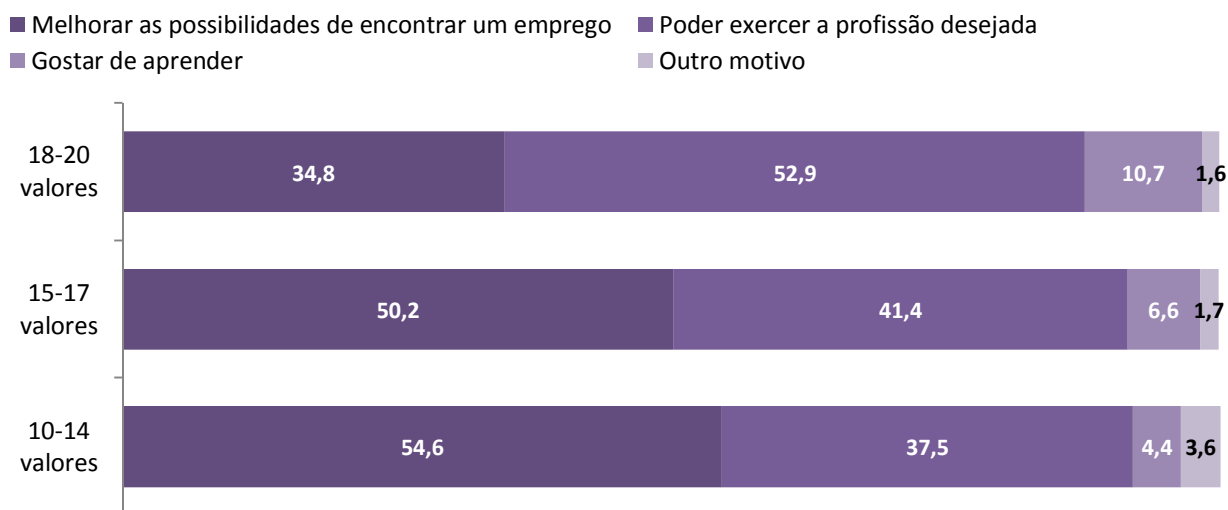
2.1.1 Razões para o prosseguimento de estudos: melhorar as possibilidades de encontrar um emprego e poder exercer a profissão desejada

Os motivos mais apontados pelos jovens dos cursos científico-humanísticos para prosseguirem estudos no pós-secundário foram: melhorar as possibilidades de encontrar um emprego (50,0%) e poderem exercer a profissão desejada (41,3%). Por um lado, os jovens provenientes de núcleos familiares com mais recursos escolares são os que mais consideraram continuar a estudar para poderem exercer a profissão desejada ($\leq 1.^\circ$ CEB – 39,9% e ensino superior – 43,1%), e por outro, os jovens oriundos de famílias com o nível de escolaridade mais baixo, consideraram principalmente continuar a estudar com vista a melhorar as possibilidades de encontrar um emprego ($\leq 1.^\circ$ CEB – 52,1% e ensino superior – 47,1%).

Assinalaram-se igualmente diferenças nas razões apontadas para o prosseguimento de estudos consoante a média das classificações dos jovens, verificando-se que quanto mais elevada era a média, mais estes admitiram que continuaram a estudar para poderem exercer a profissão desejada (18-20 valores - 52,9% e 10-14 valores – 37,5%) e porque gostam de aprender (18-20 valores – 10,7% e 10-14 valores – 4,4%) (Figura 11).

Para os jovens com uma média de classificações mais baixa, o prosseguimento de estudos era considerado principalmente como um elemento facilitador para encontrar um emprego no futuro (10-14 valores – 54,6% e 18-20 valores – 34,8%).

Figura 11 – Jovens dos cursos científico-humanísticos, por razões para o prosseguimento de estudos e média das classificações no secundário (%)



Nota: N = 32307

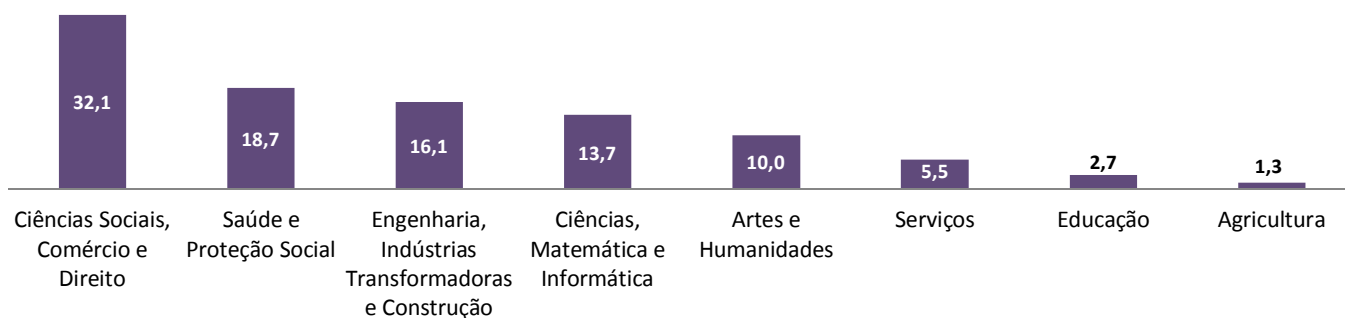
Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

2.1.2 Áreas de estudo mais escolhidas

Relativamente às áreas de estudo que os jovens escolheram para frequentar no pós-secundário, quer seja no ensino superior (Licenciatura, Mestrado Integrado, TeSP), quer em cursos de especialização profissional (CEF, CET, entre outros), destacaram-se as ciências sociais, comércio e direito (32,1%),

saúde e proteção social (18,7%), engenharia, indústrias transformadoras e construção (16,1%), ciências, matemática e informática (13,7%) (Figura 12).

Figura 12 – Jovens dos cursos científico-humanísticos que prosseguiram estudos pós-secundários, por área de estudo (%)

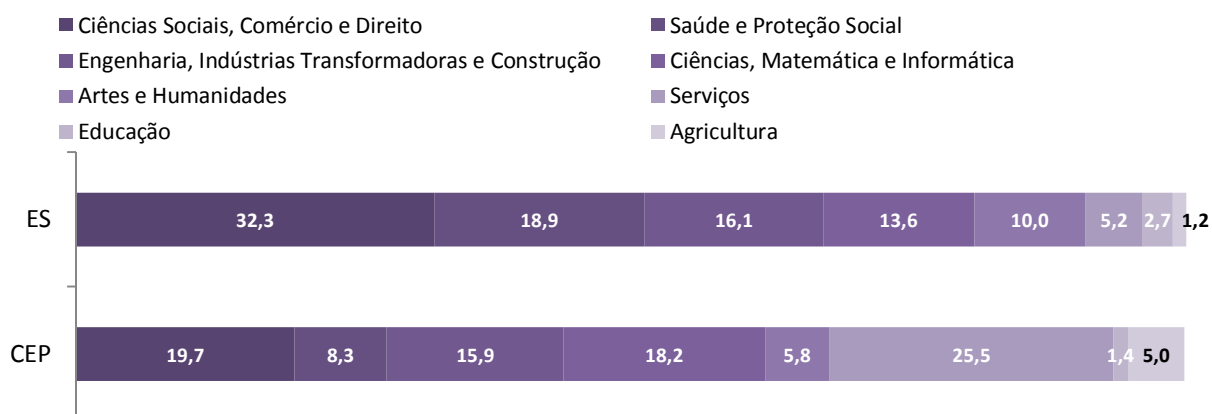


Nota: N = 32 891

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Contudo, será que esta escolha é semelhante para os jovens que frequentavam o ensino superior e os que frequentavam um curso de especialização profissional? A análise permitiu observar que as escolhas recaem sobre cursos diferentes: para os jovens dos cursos científico-humanísticos no ensino superior (ES), as escolhas recaíram principalmente sobre as ciências sociais, comércio e direito (32,3%), saúde e proteção social (18,9%), engenharia, indústrias transformadoras e construção (16,1%), ciências, matemática e informática (13,6%) (Figura 13). No caso dos que optaram por um curso de especialização profissional (CEP), a área de estudo mais escolhida foi a área dos serviços (25,5%), com uma proporção cinco vezes maior do que nos jovens que optaram pelo ensino superior, seguindo-se as ciências sociais, comércio e direito (19,7%), ciências, Matemática e Informática (18,2%) e engenharia, indústrias transformadoras e construção (15,9%).

Figura 13 – Jovens dos cursos científico-humanísticos, por área de estudo nos cursos do ensino superior (ES) e nos cursos de especialização profissional (CEP) (%)

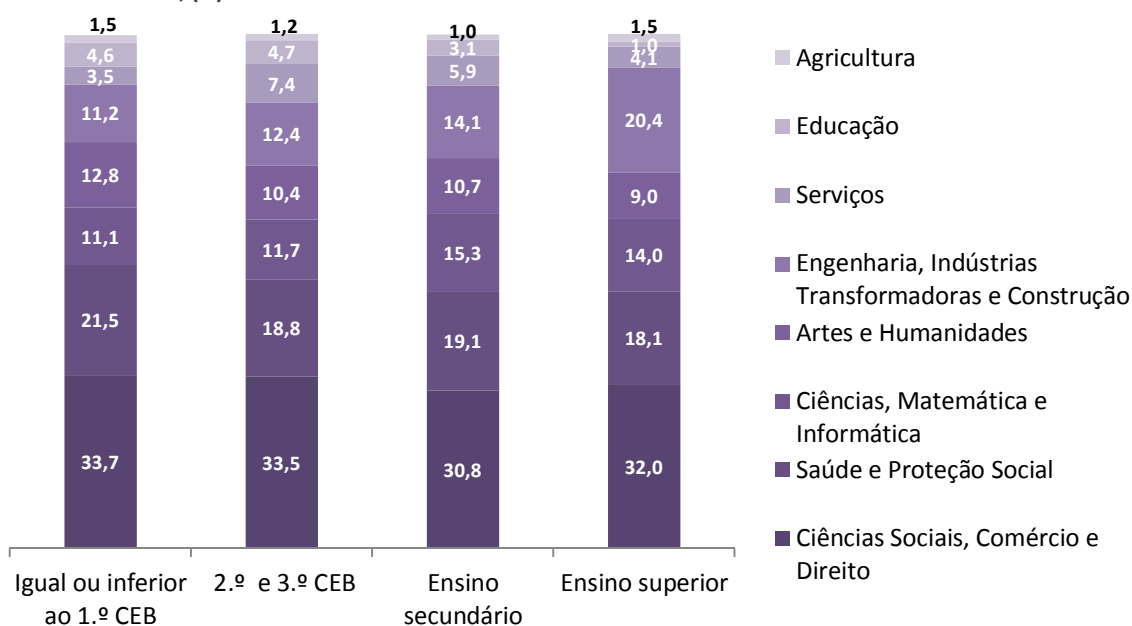


Nota: N = 32 395;

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

As habilitações escolares da família também se evidenciam como elemento diferenciador na escolha dos cursos, observando-se que quanto mais elevados são os recursos escolares, mais os jovens tendem a escolher a área da engenharia, indústrias transformadoras e construção (\leq 1.º CEB – 11,2% e ensino superior – 20,4%), enquanto os jovens oriundos de famílias com um nível de escolaridade mais baixo optaram mais pela área das ciências sociais, comércio e direito (\leq 1.º CEB – 33,7% e ensino superior – 32,0%) (Figura 14). As principais diferenças são na área da educação (\leq 1.º CEB – 4,6% e ensino superior – 1,0%) e Artes e Humanidades (\leq 1.º CEB – 12,8% e ensino superior – 9,0%)

Figura 14 – Jovens dos cursos científico-humanísticos, por área de estudo no ensino superior e nível de escolaridade dominante na família, (%)

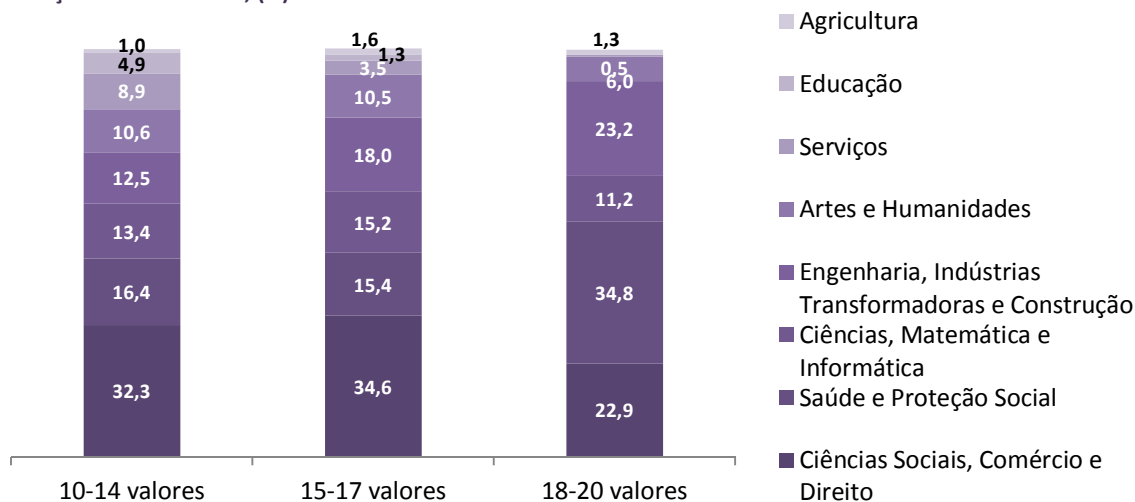


Nota: N = 32 891

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Relativamente às médias das classificações, evidencia-se que os jovens com as médias mais altas escolheram, preferencialmente, as áreas da saúde e proteção social (18-20 valores – 34,8% e 10-14 valores – 16,4%) e da engenharia, indústrias transformadoras e construção (18-20 valores – 23,2% e 10-14 valores – 12,5%), enquanto que para os jovens com médias mais baixas a escolha recaiu na área das ciências sociais, comércio e direito (18-20 valores – 22,9% e 10-14 valores – 32,3%) (Figura 15). Estes dados não surpreendem, estando em concordância com as exigências das médias de acesso ao ensino superior para cada uma das áreas de estudo, uma vez que os jovens para terem acesso a este tipo de cursos inseridos necessitam de uma média de excelência escolar.

Figura 15 – Jovens dos cursos científico-humanísticos, por área de estudo no ensino superior e média das classificações no secundário, (%)



Nota: N = 31 872

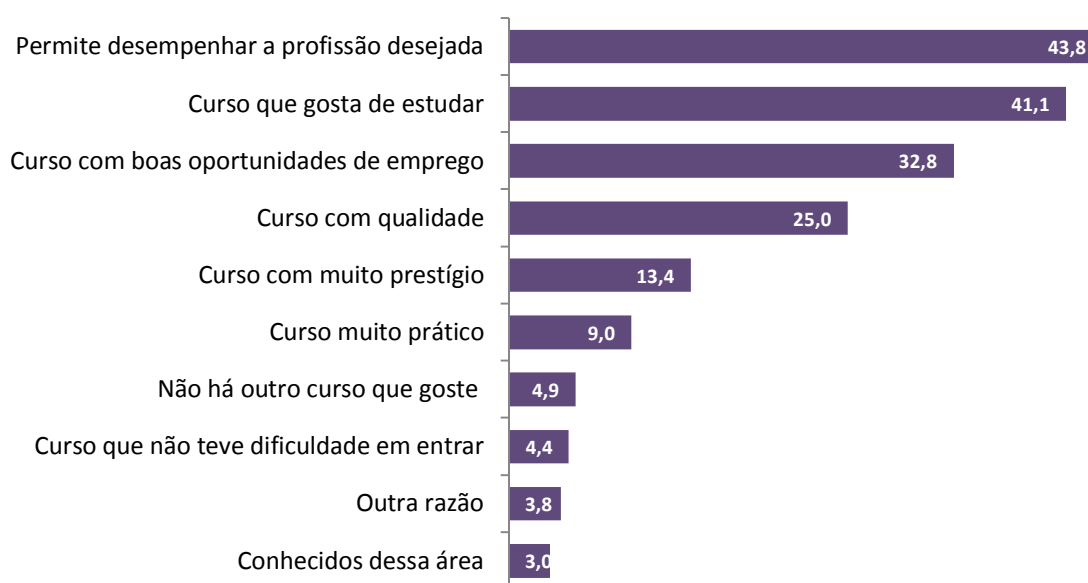
Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

2.1.3 Escolha do curso e a satisfação com essa opção

A escolha da área de estudo do curso a seguir pode ser difícil, e ao mesmo tempo, importante para o futuro escolar e profissional dos jovens. Neste sentido, considerou-se pertinente compreender quais as motivações na escolha do curso ou formação a seguir no pós-secundário.

Desempenhar a profissão desejada (43,8%), ser o curso que gostariam de estudar (41,1%), o oferecer boas oportunidades de emprego (32,8%) e ter qualidade (25,0%) foram as razões mais apontadas pelos jovens (Figura 16).

Figura 16 – Jovens dos cursos científico-humanísticos, por razões para a escolha do curso ou formação (%)



Nota: N= 33 725

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Contudo, existem diferenças, observando-se que quanto mais elevadas eram as médias das classificações, mais os jovens escolheram o curso por ser o que mais gostavam de estudar (18-20 valores – 49,2% face a 10-14 valores – 36,4%), por ter prestígio (18-20 valores – 19,7% face a 10-14 valores – 10,3%) e por ter qualidade (18-20 valores – 27,2% face a 10-14 valores – 21,7%). Por outro lado, os jovens com médias mais baixa tendem a justificar a sua escolha com o facto de ser um curso muito prático (18-20 valores – 3,6% face a 10-14 valores – 11,5%) e sem dificuldades de entrar (18-20 valores – 1,4% face a 10-14 valores – 7,1%) (Quadro 1).

Quadro 1 – Jovens dos cursos científico-humanísticos, por razões para a escolha do curso ou formação e a média das classificações no secundário (%)

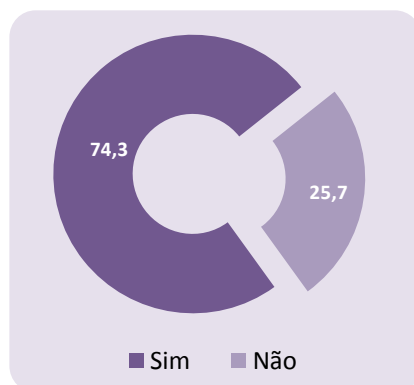
RAZÕES PARA A ESCOLHA DO CURSO OU FORMAÇÃO	10-14 valores	15-17 valores	18-20 valores
Permite desempenhar a profissão que deseja	43,2	44,4	46,1
Curso que gosta de estudar	36,4	43,9	49,2
Curso com boas oportunidades de emprego	33,9	31,8	31,8
Curso com qualidade	21,7	27,8	27,2
Curso com muito prestígio	10,3	14,2	19,7
Curso muito prático	11,5	8,1	3,6
Curso que não teve dificuldade em entrar	7,1	2,4	1,4
Não há outro curso de que goste	5,2	4,6	4,3
Tem pessoas da mesma área	4,1	2,4	1,2
Outra razão	4,0	3,4	4,1

Nota: N= 32 600

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Quando questionados sobre se o curso que frequentavam tinha sido a sua primeira opção, 74,3% dos jovens declararam estar a frequentar o curso que desejava (Figura 17).

Figura 17 – Jovens dos cursos científico-humanísticos a frequentar o curso escolhido na primeira opção

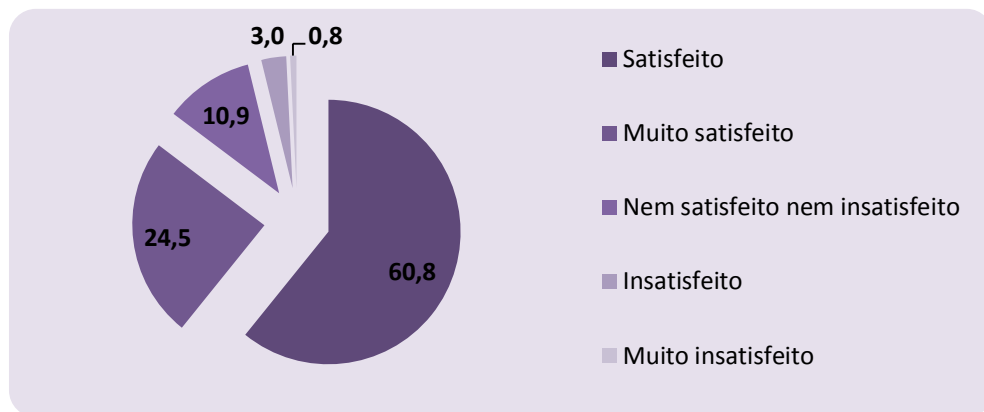


Nota: N=32 863

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Talvez por estarem maioritariamente a frequentar o curso desejado, 85,3% destes jovens mostraram-se satisfeitos ou muito satisfeitos com o percurso escolar no pós-secundário (Figura 18).

Figura 18 – Grau de satisfação dos jovens dos cursos científico-humanísticos com o trajeto escolar no pós-secundário (%)

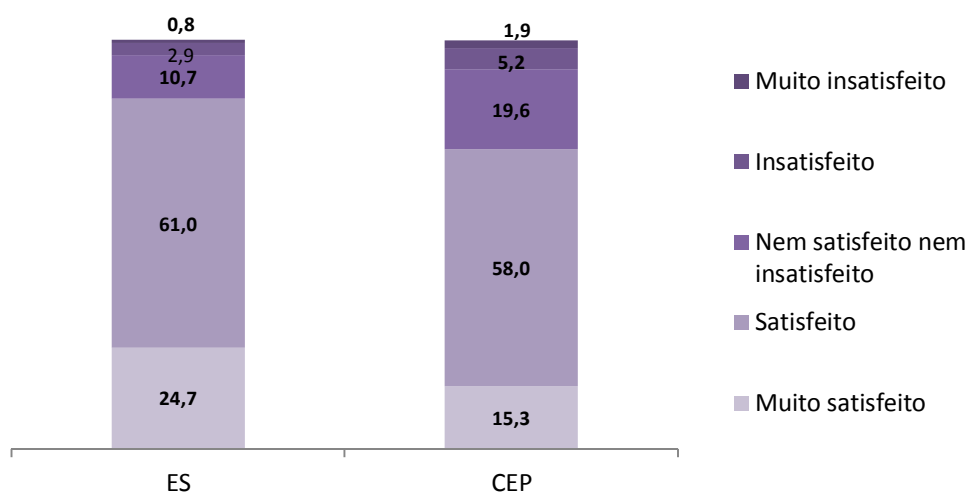


Nota: N=33 721

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Analisando o grau de satisfação segundo a formação frequentada no pós-secundário, verificou-se que os jovens que se encontravam no ensino superior (ES) eram os que estavam mais satisfeitos com o seu percurso escolar quando comparados com os que frequentavam cursos de especialização profissional (CEP) (85,7% face a 73,3%) (Figura 19). Os jovens que frequentavam cursos de especialização profissional eram os que mais demonstraram uma posição neutra (19,6% face a 10,7%).

Figura 19 – Jovens dos cursos científico-humanísticos, por grau de satisfação face ao trajeto escolar e formação pós-secundária frequentada (%)



Nota: N=33 411

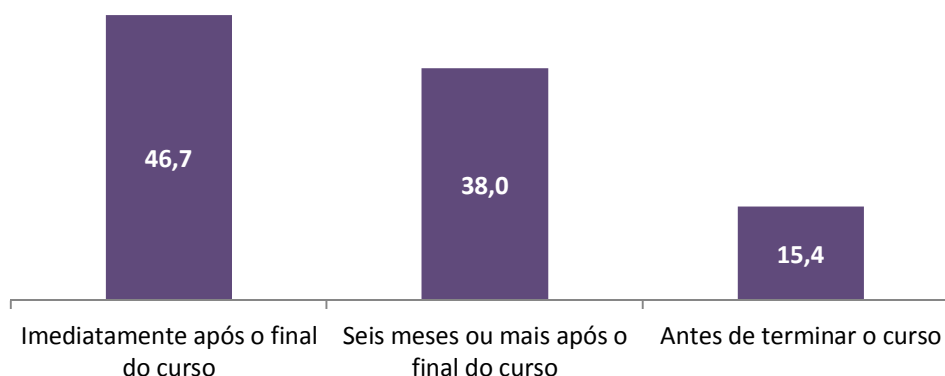
Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

2.2. Trajeto dos jovens que se encontravam exclusivamente a trabalhar

Entre os jovens detentores de um curso científico-humanístico no ensino secundário, apenas 5,0% se encontravam exclusivamente a trabalhar.

Analisando o momento de inserção profissional destes jovens, observou-se que a maioria começou a trabalhar imediatamente após o final do curso (46,7%), seguindo-se os que começaram seis ou mais meses após o final do curso (38,0%) e 15,4% antes de terminarem o curso (Figura 20).

Figura 20 – Jovens dos cursos científico-humanísticos que se encontravam exclusivamente a trabalhar, por momento de inserção profissional no pós-secundário (%)



Nota: N = 1 839

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

A maioria tinha como objetivo obter a independência financeira (59,7% face a 54,6% em 2016), e 25,3% quiseram deixar de estudar (mais 3,4 p.p. face a 2016). Os jovens que começaram a trabalhar porque quiseram ajudar no negócio familiar representavam uma minoria (5,0%), e os motivos relacionados com as dificuldades económicas decresceram 4,0 p.p. face a 2016. (Figura 21).

Figura 21 – Jovens dos cursos científico-humanísticos, por razões para começarem a trabalhar (%)

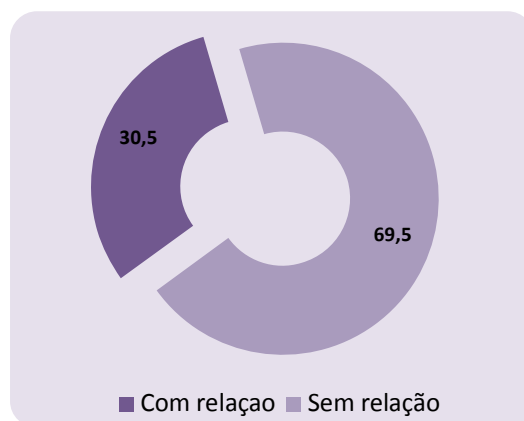


Nota: N = 1 840

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

A maioria destes jovens trabalhadores (69,5%), afirmou que a profissão que desempenhava não estava relacionada com aquela que gostariam de desempenhar no futuro (Figura 22).

Figura 22 – Jovens dos cursos científico-humanísticos, por relação entre profissão atual e projeto profissional futuro (%)

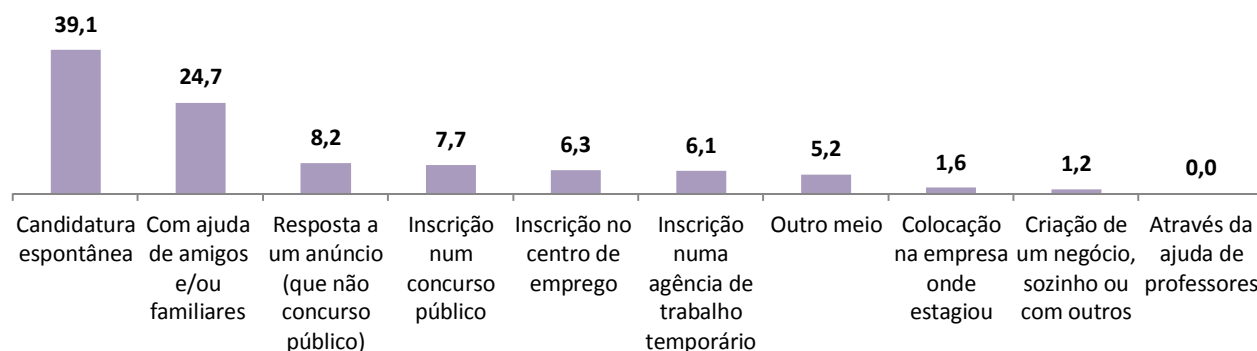


Nota: N = 1 840

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

A inserção no mercado de trabalho ocorreu principalmente por iniciativa pessoal: através de candidatura espontânea (39,1%) ou da ajuda de amigos e/ou familiares (24,7%) (Figura 23). A colocação na empresa onde estagiaram (1,6%) e a criação do próprio negócio (1,2%) assumem valores residuais.

Figura 23 – Jovens dos cursos científico-humanísticos, por modo de inserção profissional (%)

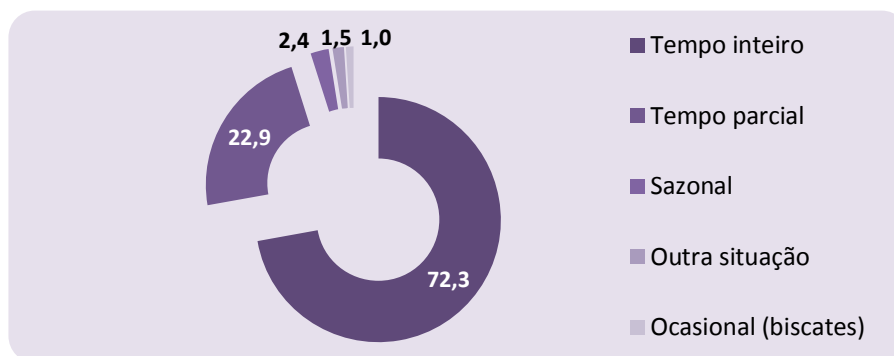


Nota: N = 1 844

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

No que diz respeito à condição perante o trabalho, observa-se que a maioria dos jovens estava a trabalhar a tempo inteiro (72,3%), seguindo-se os que trabalhavam a tempo parcial (22,9%) (Figura 24).

Figura 24 – Jovens dos cursos científico-humanísticos, por condição perante o trabalho (%)



Nota: N = 1 840

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

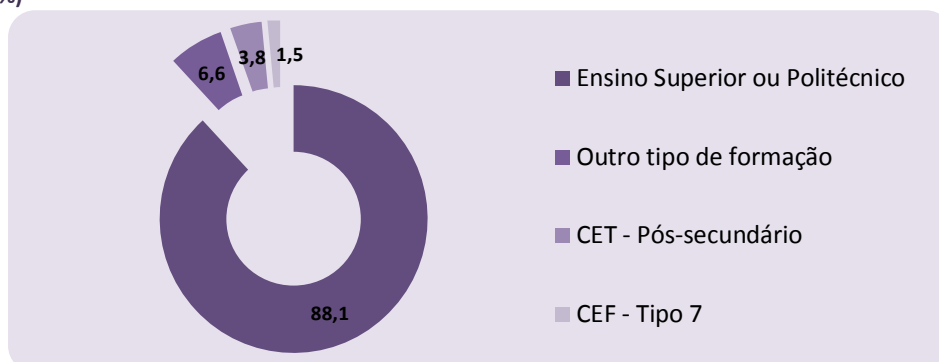
2.3. Trabalhadores estudantes: a conjugação entre a formação pós-secundária e o mercado de trabalho

De seguida, analisa-se o trajeto escolar e profissional dos 6,8% de jovens dos cursos científico-humanísticos que se encontravam a trabalhar e a estudar ao mesmo tempo, designados por trabalhadores estudantes.

2.3.1 A escolha do curso: a predominância do ensino universitário e das ciências sociais, comércio e direito

A maioria dos trabalhadores estudantes encontravam-se a frequentar o ensino universitário (superior ou politécnico - 88,1%) e 6,6% outro tipo de formação (Figura 25). A frequência de cursos de especialização profissional pós-secundários era residual, em que somente 5,3% optaram por um desses cursos (CET – 3,8% e CEF – 1,5%).

Figura 25 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos científico-humanísticos, por formação frequentada no pós-secundário (%)

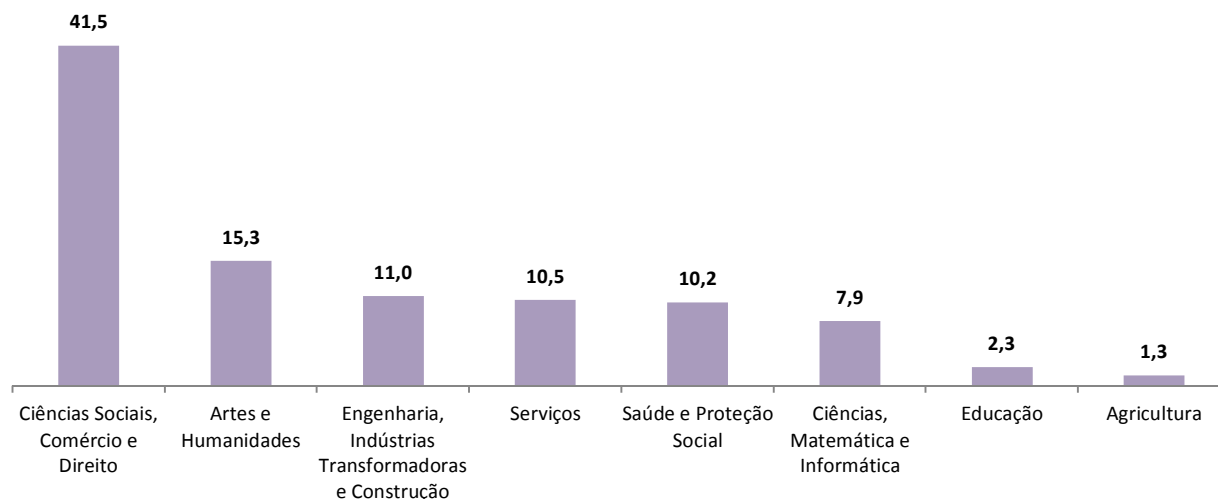


Nota: N = 2 760

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

As três áreas mais escolhidas pelos jovens trabalhadores estudantes que prosseguiram estudos pós-secundários foram: ciências sociais, comércio e direito (41,5%), artes e humanidades (15,3%), engenharia, indústrias transformadoras e construção (11,0%) (Figura 26).

Figura 26 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos científico-humanísticos que prosseguiram estudos pós-secundários, por área de estudo (%)

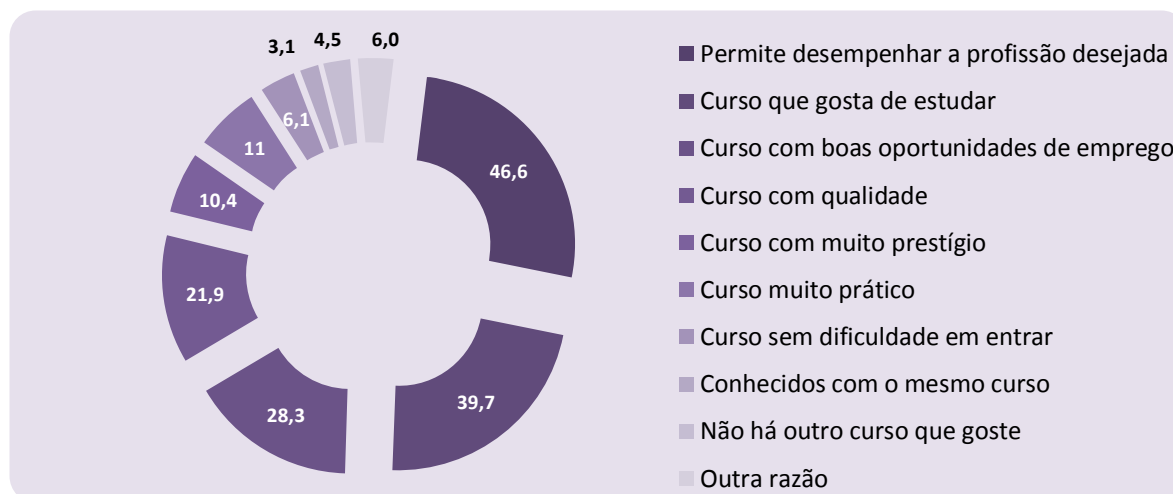


Nota: N = 2 436

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

As principais motivações apontadas para a escolha da área de estudo/course foram o facto de permitir desempenhar a profissão que pretendiam seguir (46,6%), ser o curso que gostariam de estudar (39,7%), oferecer boas oportunidades de emprego (28,3%) e ser um curso com qualidade (21,9%) (Figura 27). Como se pode verificar, estes jovens valorizaram essencialmente a possibilidade de fazer um curso que permitisse alcançar as suas expectativas profissionais, sendo muito residual aqueles que declararam ter optado por um curso por não terem tido dificuldade em entrar (6,1%), ou por não existir outro curso de que gostassem (4,5%).

Figura 27 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos científico-humanísticos que prosseguiram estudos pós-secundários, por razões para a escolha do curso ou formação (%)



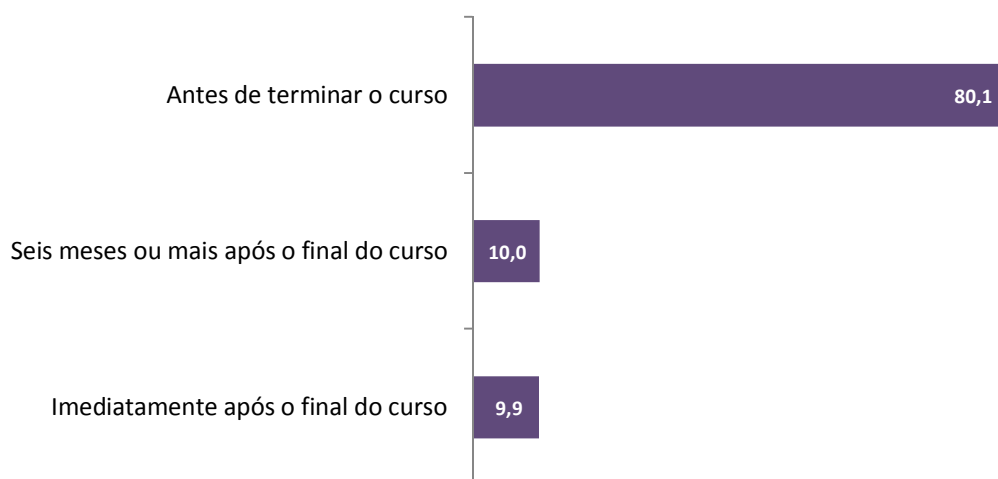
Nota: N = 2 625

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

2.3.2 Inserção profissional: uma realidade que advém do ensino secundário

Os dados revelam que a maioria destes jovens (80,1%) começou a trabalhar ainda durante o percurso escolar no ensino secundário ou seis ou mais meses após o final do curso (10,0%). (Figura 28).

Figura 28 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos científico-humanísticos, por momento de inserção profissional (%)

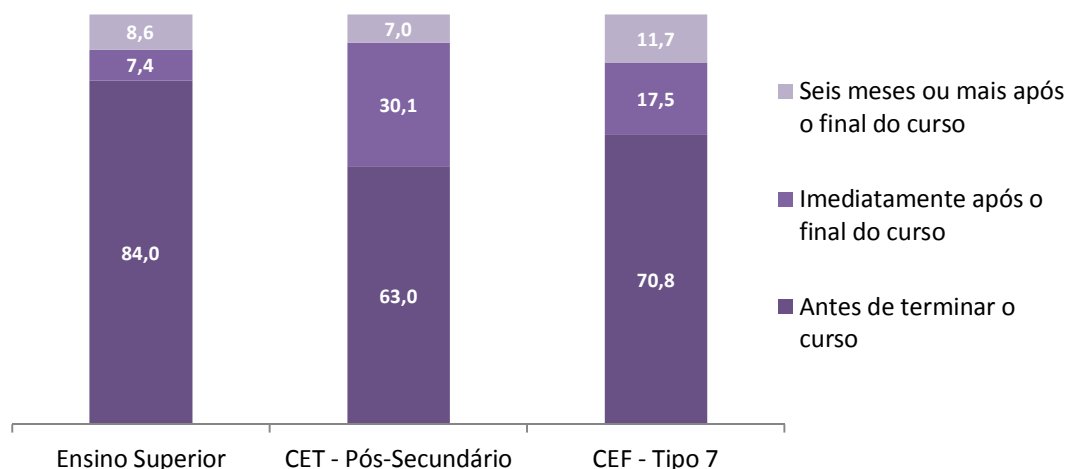


Nota: N = 2 337

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Por um lado, quem mais integrou o mercado de trabalho antes de terminar o ensino secundário foram os trabalhadores estudantes que frequentavam o ensino superior (84,0%) e os que frequentavam um curso de educação e formação (70,8%) (Figura 29). Por outro, foram principalmente os jovens que frequentavam um curso CET- pós-secundário que começaram a trabalhar imediatamente após o final do curso (30,1%).

Figura 29 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos científico-humanísticos, por momento de inserção profissional e formação frequentada, (%)

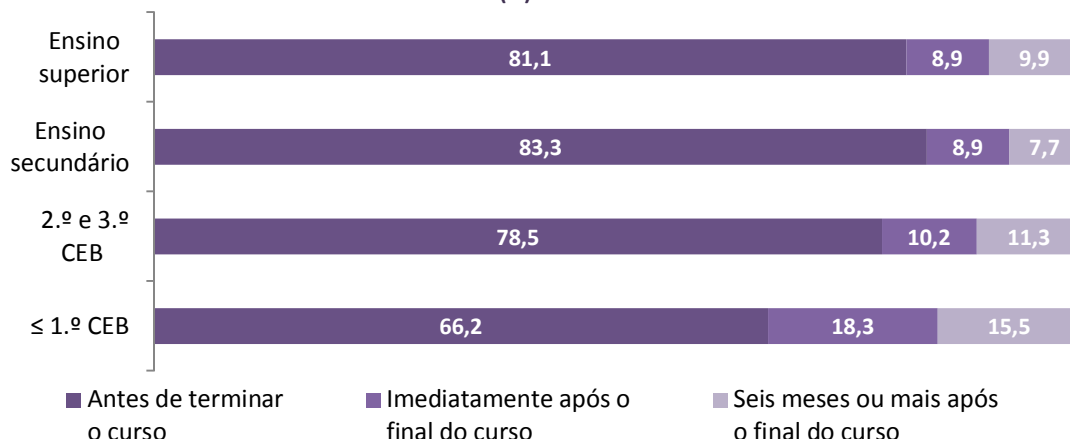


Nota: N = 2 151

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Por nível de escolaridade dominante na família constatou-se que quanto mais elevadas eram as habilitações escolares das famílias destes trabalhadores estudantes, mais estes começaram a trabalhar antes de terminarem o curso ($\leq 1.^\circ$ CEB – 66,2% e ensino superior – 81,1%) (Figura 30). E quanto menores eram os recursos escolares da família, mais os jovens integraram o mercado de trabalho mais tarde: seis meses ou mais após o final do curso ($\leq 1.^\circ$ CEB – 15,5% e ensino superior – 9,9%) ou imediatamente após o final do curso ($\leq 1.^\circ$ CEB – 18,3% e ensino superior – 8,9%).

Figura 30 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos científico-humanísticos, por momento de inserção profissional e nível de escolaridade dominante na família (%)

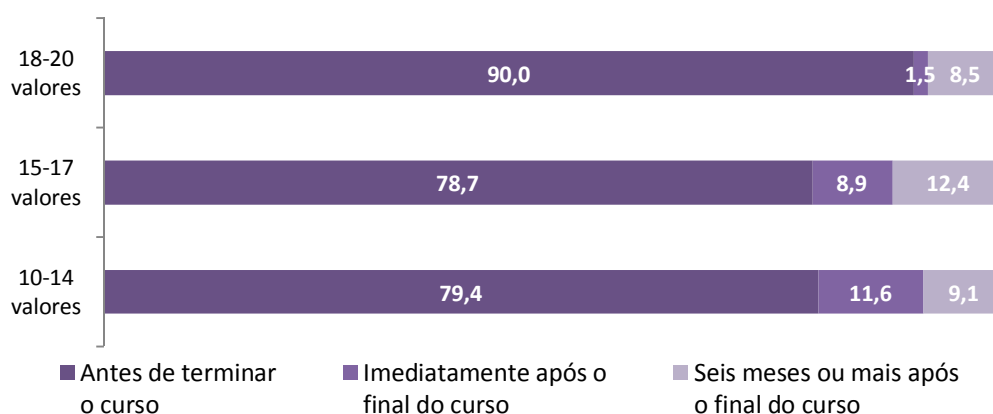


Nota: N = 2 337

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

A média de classificações dos jovens também apresenta um padrão semelhante, verificando-se que quanto mais elevada é a média das classificações, mais os trabalhadores estudantes integraram o mercado de trabalho antes de terminar o curso (18-20 valores – 90,0% face a 10-14 valores – 79,4%) (Figura 31). Comparativamente, os que tiveram notas mais baixas apresentavam uma maior tendência para começar a trabalhar imediatamente a seguir ao final do curso (18-20 valores – 1,5% face a 10-14 valores – 11,6%) ou seis meses ou mais após o final (18-20 valores – 8,5% face a 10-14 valores – 9,1%).

Figura 31 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos científico-humanísticos, por momento de inserção profissional e a média global das classificações no ensino secundário (%)



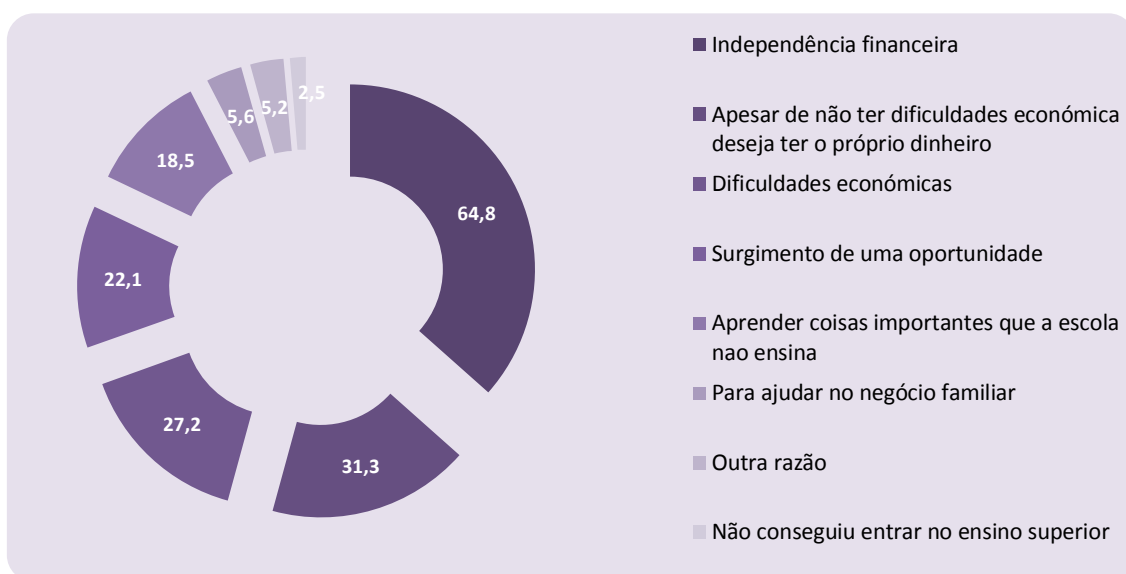
Nota: N = 2 267

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

2.3.2.1 Razões para os jovens trabalharem enquanto frequentam uma formação pós-secundário, a maioria a tempo inteiro

As questões económicas, principalmente a autonomia financeira, foram as mais referidas pelos trabalhadores estudantes para terem começado a trabalhar. A maioria começou a trabalhar para ter independência financeira (64,8%) e porque, apesar da família não ter dificuldades económicas, queriam ter o seu próprio dinheiro (31,3%). (Figura 32)

Figura 32 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos científico-humanísticos, por razões para terem começado a trabalhar (%)

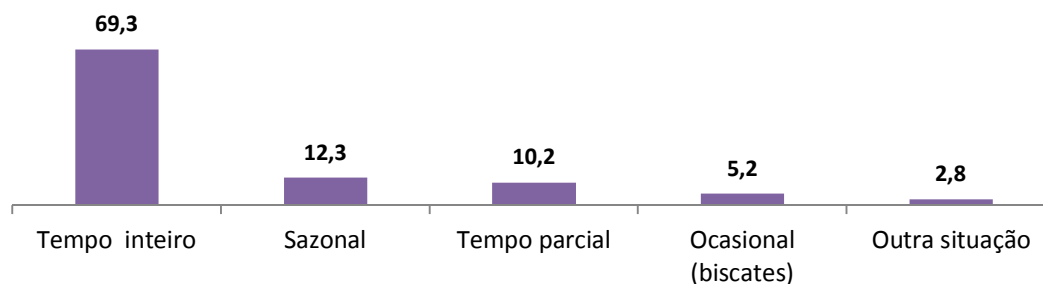


Nota: N = 2 352

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

A condição perante o trabalho destes jovens revelou que 69,3% trabalhava a tempo inteiro, o que não é expectável, uma vez que estes têm que conciliar os estudos com o trabalho (Figura 33). Os jovens que trabalhavam sazonalmente representavam 12,3%, seguindo-se os que trabalhavam a tempo parcial (10,2%).

Figura 33 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos científico-humanísticos, por condição perante o trabalho (%)



Nota: N = 2 358

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

2.3.2.2 Profissões desempenhadas

Tendo em consideração que a maioria destes jovens se encontrava a trabalhar antes de terminar o ensino secundário (80,1%), num regime de trabalho a tempo inteiro (69,3%), coloca-se uma questão: que profissões desempenhavam estes jovens?

As profissões desempenhadas pelos trabalhadores estudantes inseriam-se, maioritariamente, nos grupos “pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores” (62,0%), seguindo-se “técnicos e profissionais de nível intermédio” (9,7%) e os “especialistas das atividades intelectuais e científicas” (8,7%) (Quadro 2).

Quadro 2 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos científico-humanísticos, por grande grupo profissional (%)

GRANDE GRUPO PROFISSIONAL DO JOVEM	2017
Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes e gestores executivos	4,1
Especialistas das atividades intelectuais e científicas	8,7
Técnicos e profissionais de nível intermédio	9,7
Pessoal administrativo	6,0
Pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores	62,0
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta	0,5
Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices	1,5
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	0,5
Trabalhadores não qualificados	6,9

Nota: N = 2 159

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Este grupo profissional do “pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores” engloba profissões com tarefas e funções no domínio da assistência a viagens, preparação e serviço de refeições, estética, limpeza, trabalho doméstico, astrologia, prestação de cuidados a animais, vendas, auxílio no cuidado a crianças, proteção de pessoas e bens e na manutenção de segurança e ordem pública.

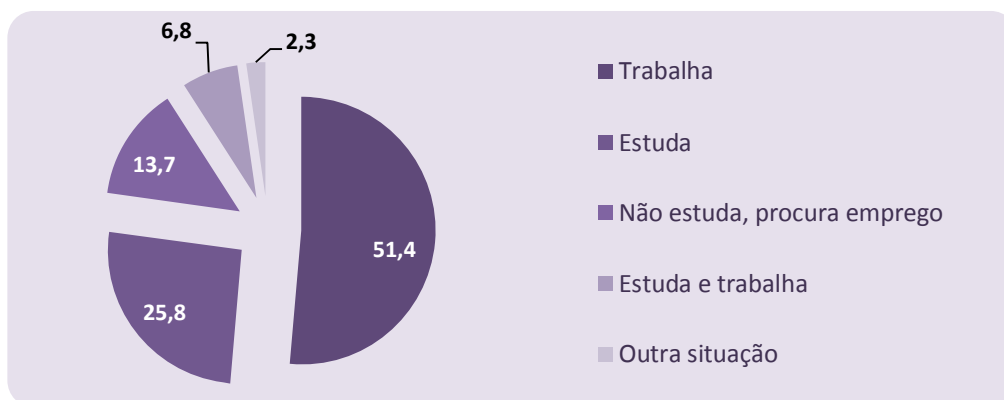
3. Jovens dos cursos profissionais: integração imediata no mercado de trabalho

Os cursos profissionais estão direcionados para uma integração imediata no mercado de trabalho após a conclusão do ensino secundário. No entanto, o mercado de trabalho não é o único trajeto possível para os jovens que concluem esta oferta de educação e formação. Tendo este aspeto em consideração, analisámos os resultados dos 35,0% de jovens que frequentaram e terminaram um curso profissional com certificação profissional no ensino secundário, para assim conhecer os vários percursos escolhidos.

3.01 Atividade realizada no pós-secundário

Alinhado com os objetivos desta modalidade de ensino, sem surpresas no pós-secundário, a maioria dos jovens estava a trabalhar (51,4%, mais 2.8 p.p. face aos resultados de 2016) (Figura 34). Dos restantes, cerca de ¼ dos jovens estavam exclusivamente a estudar (25,8%) e cerca de 14% não estudavam, mas procuravam emprego (-2.2 p.p. face a 2016). Esta redução na percentagem de jovens dos cursos profissionais que procura emprego indicia uma maior empregabilidade destes jovens.

Figura 34 – Jovens dos cursos profissionais, por atividade realizada no pós-secundário (%)

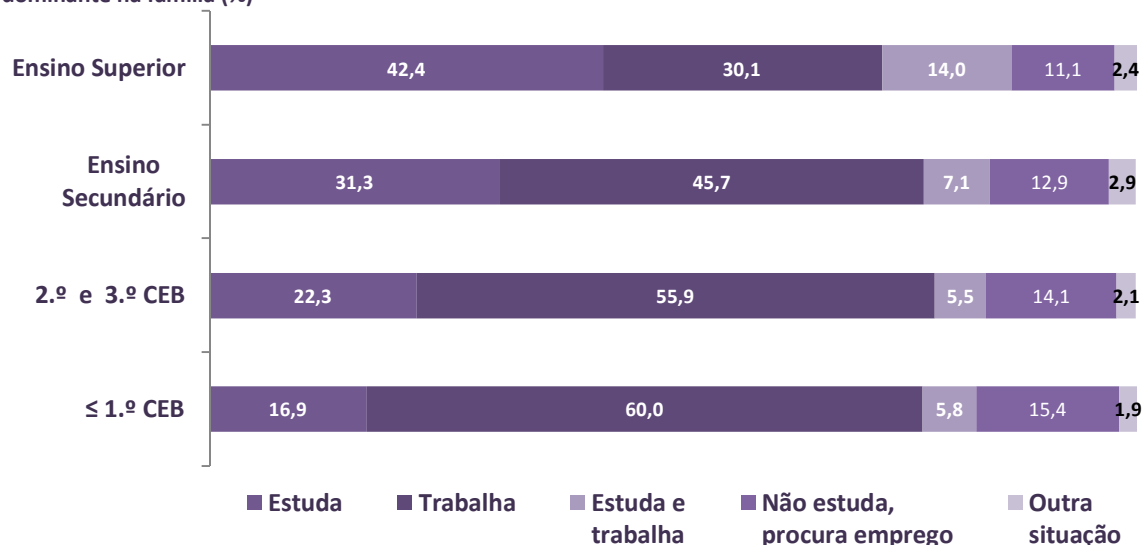


Nota: N = 23 568

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Uma abordagem do nível de escolaridade dominante na família permitiu observar que os jovens oriundos de famílias com maiores recursos escolares tendem mais a ser apenas estudantes ($\leq 1.^\circ$ CEB – 16,9% e ensino superior – 42,4%) ou a estar numa situação de trabalhador estudante ($\leq 1.^\circ$ CEB – 5,8% e ensino superior – 14,0%) (Figura 35). Já os jovens que se encontravam apenas a trabalhar, eram provenientes, principalmente, de famílias com escolaridade mais baixa ($\leq 1.^\circ$ CEB – 60,0% e ensino superior – 30,1%).

Figura 35 – Jovens dos cursos profissionais, por atividade realizada no pós-secundário e nível de escolaridade dominante na família (%)



Nota: N = 23 563

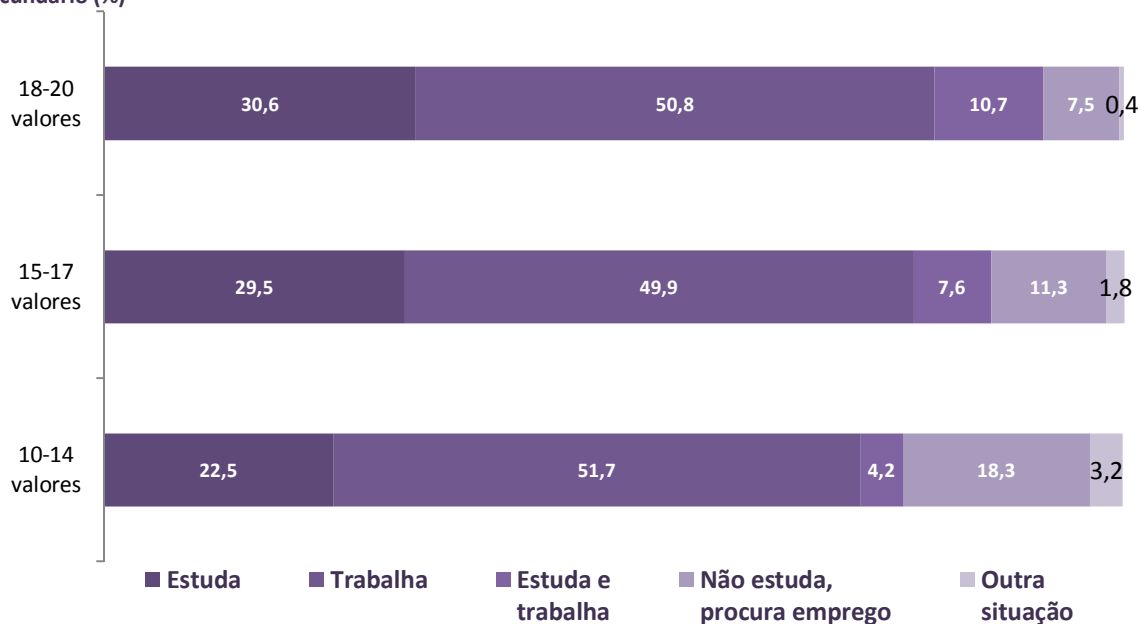
Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Quando se compara com os resultados de 2016, constata-se que existiu um decréscimo de 7,9 p.p. na percentagem de jovens oriundos de famílias com o ensino superior que se encontravam a estudar (42,4% face a 50,3%) e um aumento de 4,1 p.p. de trabalhadores estudantes oriundos de famílias com escolaridade mais elevada (14,0% face a 9,9%).

Observa-se também que, quanto mais elevadas são as médias dos jovens dos cursos profissionais, mais estes referiram estar apenas a estudar (18-20 valores – 30,6% face a 10-14 valores – 22,5%) ou numa situação de trabalhador-estudante (18-20 valores – 10,7% face a 10-14 valores – 4,2%) (Figura 36). Por outro lado, os que obtiveram uma média de classificações mais baixa estavam principalmente na situação de procura de emprego (10-14 valores – 18,3% face a 18-20 valores – 7,5%).

Comparando estes dados com os de 2016, observou-se que existiu um aumento de 5,0 p.p. na percentagem dos jovens com média do ensino secundário mais baixa (entre os 10 e os 14 valores) que se encontravam apenas a trabalhar (51,7% face a 46,7% em 2016) e uma redução de 2,8 p.p. nos que estavam à procura de emprego (18,3% face a 21,1% em 2016). Simultaneamente, também se encontraram diferenças entre os jovens com uma média de excelência escolar, verificando-se um aumento de 9,4 p.p. entre os que trabalhavam (50,8% face a 41,4% em 2016) e uma redução de 10,8 p.p. entre os que estudavam (30,6% face a 41,4% em 2016).

Figura 36 – Jovens dos cursos profissionais, por atividade realizada no pós-secundário e a média das classificações no secundário (%)



Nota: N = 20 564

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

3.02 Atividades realizadas pelos jovens das diversas áreas de educação e formação

Foi entre os diplomados dos cursos profissionais das áreas das artes do espetáculo, ciências informáticas, design, produção agrícola e animal e indústrias alimentares que se registaram as mais elevadas percentagens dos que declararam estar exclusivamente a estudar, (52,4%, 36,6%, 34,1% e 34,0%, respetivamente) enquanto os das áreas da construção e reparação de veículos a motor e hotelaria e restauração foram os que mais declararam estar exclusivamente a trabalhar (70,5% e 62,7%, respetivamente (Quadro 3).

Por sua vez, as áreas das artes do espetáculo (18,0%), e produção agrícola e animal (12,0%), eram as áreas com proporções mais elevadas de trabalhadores estudantes. Com maior percentagem de jovens à procura de emprego destacaram-se as áreas de secretariado e trabalho administrativo (20,3%) e indústrias alimentares (19,9%).

Quadro 3 – Jovens dos cursos profissionais, por atividade realizada e a área de educação e formação (%)

Área de Educação e Formação	Estuda	Trabalha	Estuda e trabalha	Não estuda, procura de emprego	Outra situação
Artes do espetáculo	52,4	19,2	18,0	5,8	4,6
Audiovisuais e produção dos media	25,6	50,8	4,9	15,9	2,8
Ciências informáticas	36,6	40,8	9,3	10,6	2,7
Comércio	17,6	58,1	5,3	18,2	0,8
Construção e reparação de veículos a motor	12,4	70,5	2,9	10,6	3,5
Contabilidade e fiscalidade	21,5	53,5	4,8	18,9	1,3
Design	34,6	34,6	10,6	17,2	3,1
Desporto	26,7	49,7	8,1	11,4	4,1
Eletricidade e energia	20,4	61,1	6,0	10,6	1,8
Eletrónica e automação	29,8	50,1	6,2	11,4	2,6
Gestão e administração	25,9	51,3	10,9	10,0	1,9
Hotelaria e restauração	15,3	62,7	4,5	16,1	1,3
Indústrias alimentares	34,0	43,8	1,2	19,9	1,2
Indústrias do têxtil, vestuário, calçado e couro	27,5	50,6	10,0	11,9	-
Marketing e publicidade	22,6	50,4	5,8	18,7	2,6
Metalurgia e metalomecânica	24,1	61,2	3,8	7,6	3,3
Produção agrícola e animal	34,1	49,0	12,0	4,1	0,8
Proteção do ambiente	28,9	45,6	6,9	17,2	1,5
Saúde - programas não classificados noutra área de formação	23,2	55,4	6,6	13,2	1,6
Secretariado e trabalho administrativo	22,7	47,8	7,5	20,3	1,7
Segurança e higiene no trabalho	20,2	59,6	7,7	12,5	-
Serviços de apoio a crianças e jovens	27,2	43,2	8,6	15,6	5,3
Tecnologia dos processos químicos	31,4	46,6	4,0	15,2	2,8
Trabalho social e orientação	21,2	55,8	6,5	14,3	2,3
Turismo e lazer	25,4	54,2	5,3	13,4	1,7

Nota: foram considerados apenas os cursos com número igual ou superior a 100 alunos.

Nota: N = 23 020

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Uma análise da taxa de empregabilidade e/ou prosseguimento de estudos por área de educação e formação, permitiu observar que eram as áreas da produção agrícola e animal (95,1%), das artes do espetáculo (89,6%), e da metalurgia e metalomecânica (89,1%), as que tinham as taxas mais elevadas (Quadro 4). As áreas de secretariado e trabalho administrativo (78,0%), marketing e publicidade (78,8%) e industria alimentares (78,9%) eram as que registavam menor taxa de empregabilidade e/ou prosseguimento de estudos.

Quadro 4 – Jovens dos cursos profissionais, por taxa de empregabilidade/ou prosseguimento de estudos e a área de educação e formação (%)

Área de Educação e Formação	Taxa de Empregabilidade e/ou Prosseguimento de Estudos
Produção agrícola e animal	95,1
Artes do espetáculo	89,6
Metalurgia e metalomecânica	89,1
Indústrias do têxtil, vestuário, calçado e couro	88,1
Gestão e administração	88,0
Eletricidade e energia	87,5
Segurança e higiene no trabalho	87,5
Ciências informáticas	86,7
Eletrónica e automação	86,0
Construção e reparação de veículos a motor	85,8
Saúde - programas não classificados noutra área de formação	85,1
Turismo e lazer	84,9
Desporto	84,5
Trabalho social e orientação	83,4
Hotelaria e restauração	82,5
Tecnologia dos processos químicos	82,0
Proteção do ambiente *	81,4
Audiovisuais e produção dos media	81,3
Comércio	81,0
Contabilidade e fiscalidade	79,8
Design	79,8
Serviços de apoio a crianças e jovens	79,1
Indústrias alimentares	78,9
Marketing e publicidade	78,8
Secretariado e trabalho administrativo	78,0

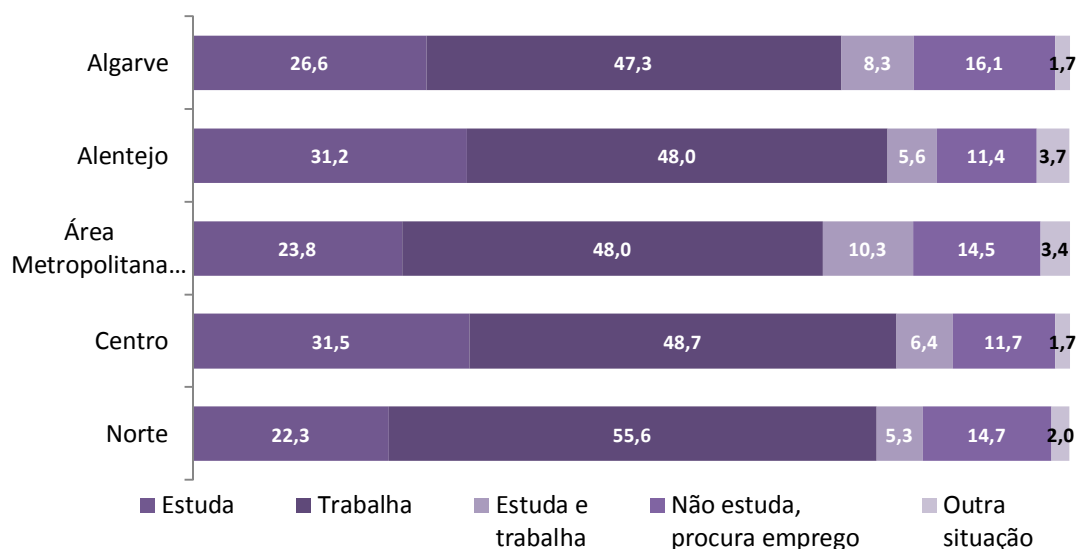
Nota: foram considerados apenas os cursos com número igual ou superior a 100 alunos.

Nota: N = 23 020

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

As atividades realizadas pelos jovens dos cursos profissionais também diferem quando consideramos as diferentes regiões de Portugal continental, constatando-se que as regiões Centro (31,5%) e Alentejo (31,2%) eram aquelas em que estes jovens mais se encontravam exclusivamente a estudar, enquanto a região Norte (55,6%) era aquelas onde mais jovens se encontravam apenas a trabalhar (Figura 37). De salientar ainda, que as regiões onde se concentravam a maior percentagem de trabalhadores estudantes era a Área Metropolitana de Lisboa (10,3%) e Algarve (8,3%).

Figura 37 – Jovens dos cursos profissionais, por atividade realizada e NUTS II (%)



Nota: N = 23 563

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

3.1. Um percurso destinado exclusivamente aos estudos

Entre os jovens que concluíram um curso profissional, os que se encontravam exclusivamente a estudar no pós-secundário representavam 25,8%. Numa oferta de educação e formação conducente a uma integração imediata no mercado de trabalho, importa saber que tipo de formação estavam a realizar, uma vez que se encontravam exclusivamente a estudar. Estes jovens apresentaram uma certa dispersão entre diversas ofertas formativas, destacando-se os cursos de especialização tecnológica (27,4%), curso técnico superior profissional (TeSP) (21,5%), o ensino politécnico (20,8%) e o ensino universitário (20,7%). Estes jovens dão primazia a ofertas formativas que permitam um aprofundamento da sua área profissional mais prática, obtendo um maior grau de qualificação.

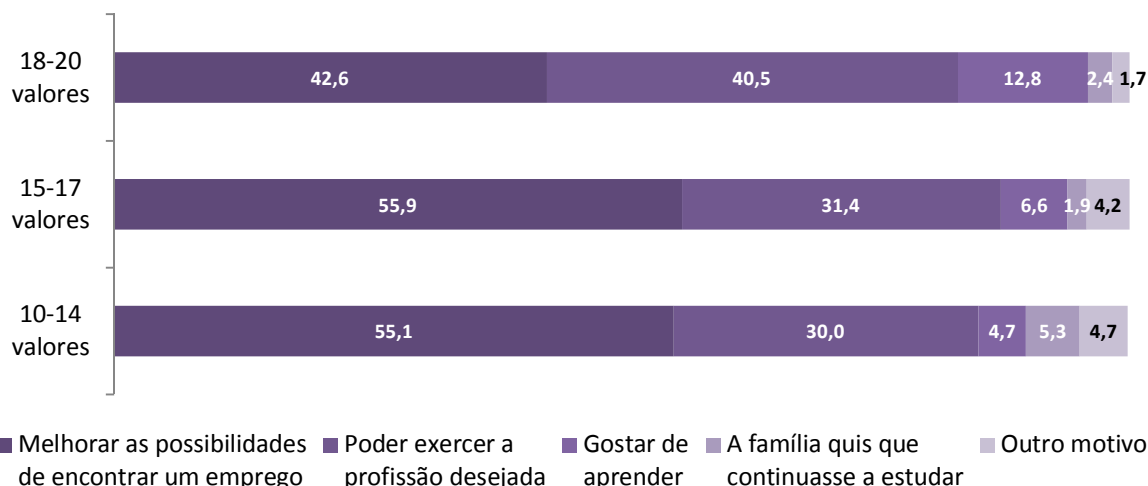
3.1.1 Prosseguimento de estudos: elemento facilitador na obtenção de um emprego desejado

As razões mais referidas para estes jovens prosseguirem estudos no pós-secundário foram melhorar a possibilidade de encontrar um emprego (54,6%) e poderem exercer a profissão desejada (31,9%). Mais de metade destes jovens continuaram a estudar, pois consideram que a realização de um curso pós-secundário facilitaria a integração do mercado de trabalho.

Quanto às razões para prosseguirem estudos, segundo a média de classificações, verifica-se diferenças assinaláveis: quanto mais elevada a média das classificações dos jovens dos cursos profissionais, mais estes admitiram querer continuar a estudar por gostarem de aprender (18-20 valores – 12,8% face a 10-14 valores – 4,7%) (Figura 38). Numa situação diferente encontravam-se os jovens cuja média de classificações era mais baixa, pois estes referiram prosseguir estudos para

melhorar as possibilidades de encontrar um emprego (18-20 valores – 42,6% face a 10-14 valores – 55,1%).

Figura 38 – Jovens dos cursos profissionais, por razões para o prosseguimento de estudos e a média das classificações no secundário (%)



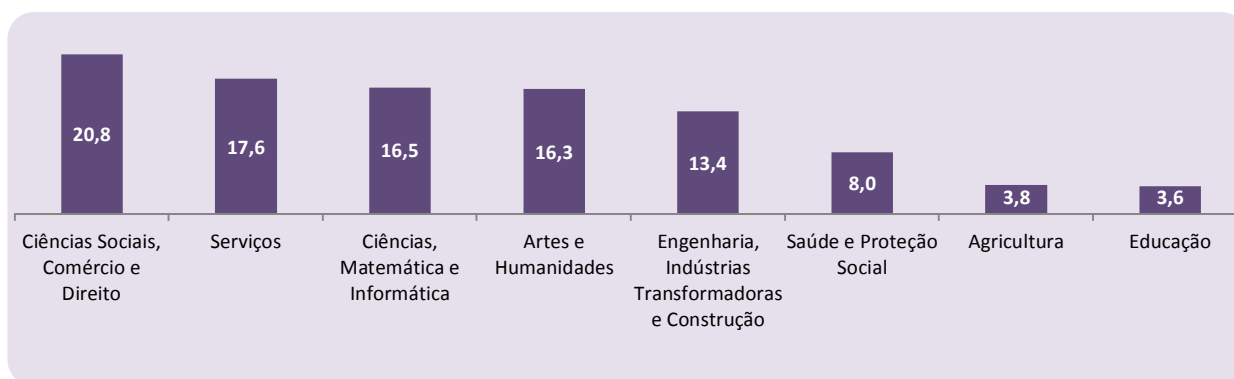
Nota: N = 4 995

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

3.1.2 A escolha da área de estudo

Relativamente às áreas de estudo que estavam a frequentar no pós-secundário, constatou-se que as áreas mais escolhidas foram as ciências sociais, comércio e direito (20,8%), serviços (17,6%), ciências, matemática e informática (16,5%) (Figura 39), o que relativamente a 2016, demonstra principais diferenças na área das ciências sociais, comércio e direito que registou um decréscimo de 2,7 p.p. O principal aumento, ainda que ligeiro, (3,5 p.p.) foi observado na área da engenharia, indústrias transformadoras e construção.

Figura 39 – Jovens dos cursos profissionais que prosseguiram estudos pós-secundários, por área de estudo (%)



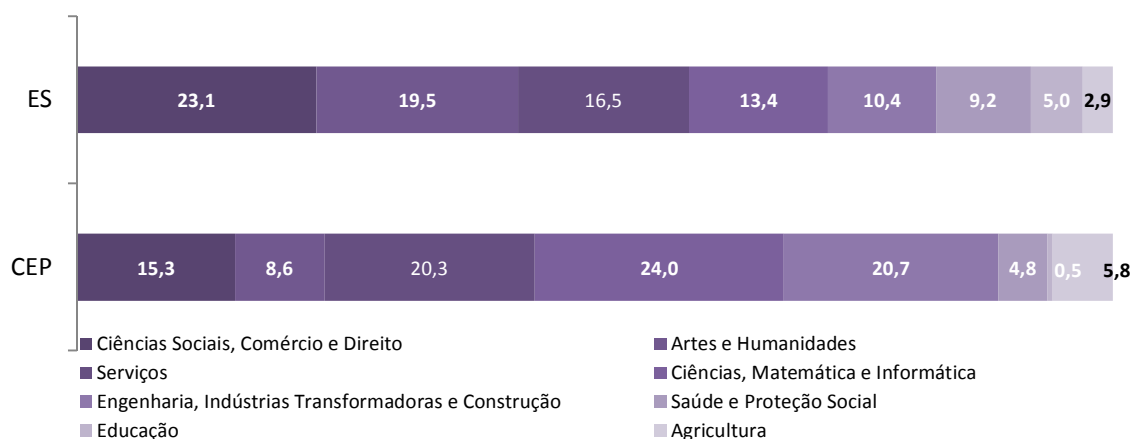
Nota: N = 4 833

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

As áreas da agricultura (3,8%) e da educação (3,6%) foram as menos escolhidas pelos jovens que frequentaram um curso profissional no ensino secundário

A análise da área de estudo escolhida, segundo as formações frequentadas no pós-secundário, permite observar diferenças significativas: os jovens dos cursos profissionais que estavam a frequentar o ensino superior tendiam a escolher mais as áreas das ciências sociais, comércio e direito (23,1%), e das artes e humanidades (19,5%), mais 7,8 p.p. e 10,9 p.p. respetivamente do que os jovens dos cursos de especialização profissional. Por outro lado, estes últimos optaram mais pelas áreas das ciências, matemática e informática (24,0%), engenharia, indústrias transformadoras e construção (20,7%) e dos serviços (20,3%) (Figura 40).

Figura 40 – Jovens dos cursos profissionais, por área de estudo nos cursos do ensino superior (ES) e nos cursos de especialização profissional (CEP) (%)



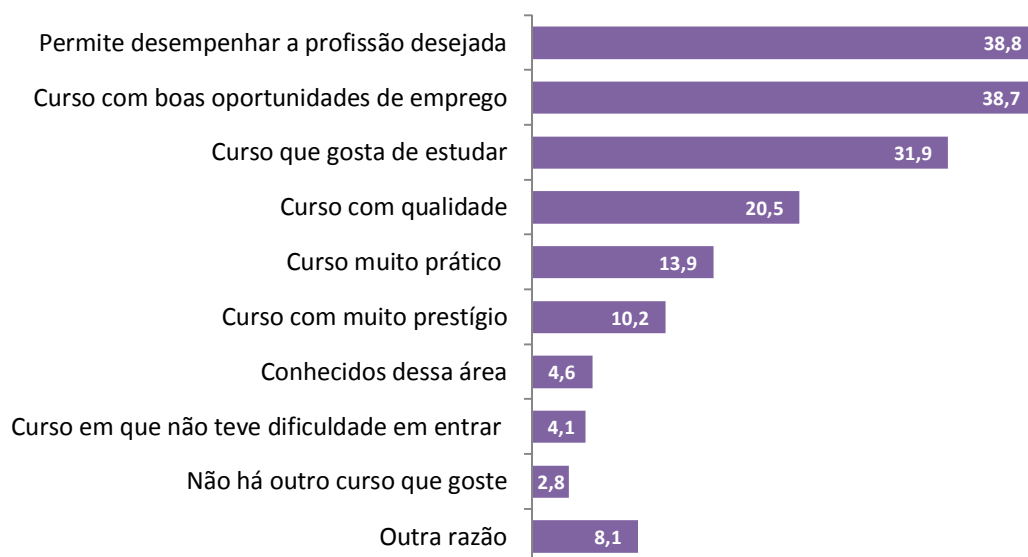
Nota: N = 4 828

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

3.1.3 Motivações para escolher determinado curso

O facto de ser uma área que permite desempenhar a profissão desejada (38,8%), com boas oportunidades de emprego (38,7%) e ser o curso que gostavam (31,9%) foram os motivos mais apontados pelos jovens para a escolha dos seus cursos (Figura 41).

Figura 41 – Jovens dos cursos profissionais, por razões para a escolha do curso ou formação (%)

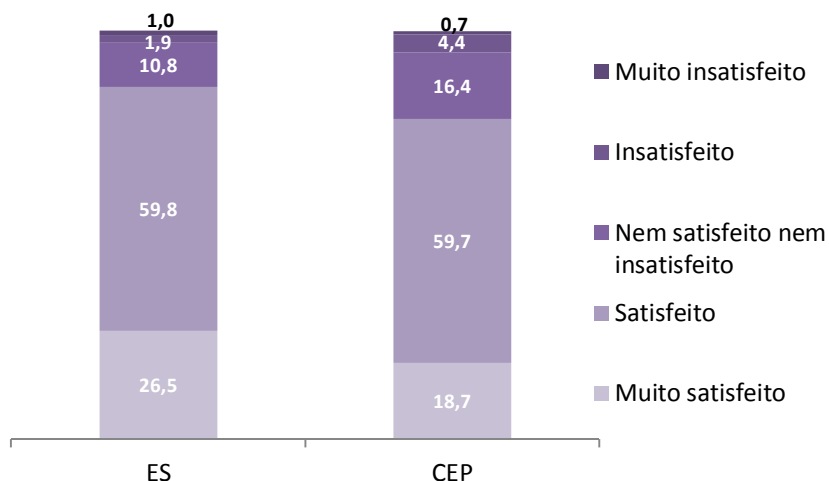


Nota: N = 5 679

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Analisando o grau de satisfação dos jovens segundo a formação frequentada, verifica-se que eram os que estavam a frequentar os cursos do ensino superior, os que se encontravam mais satisfeitos (muito satisfeitos – 26,5% e satisfeitos – 59,8%), quando comparados com os dos cursos de especialização profissional (muito satisfeitos – 18,7% e satisfeitos – 59,7%) (Figura 42).

Figura 42 – Jovens dos cursos profissionais, por grau de satisfação face ao trajeto escolar e a formação frequentada (%)

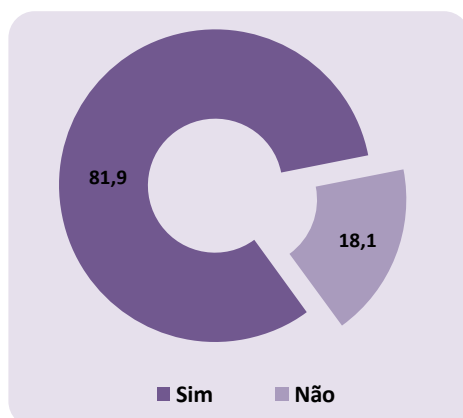


N=5 212

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

A satisfação com o curso escolhido pode estar relacionada com o facto de, para cerca de 82% destes jovens, o curso que frequentavam ter sido a sua primeira escolha (Figura 43).

Figura 43 – Jovens dos cursos profissionais a frequentar o curso escolhido na primeira opção (%)



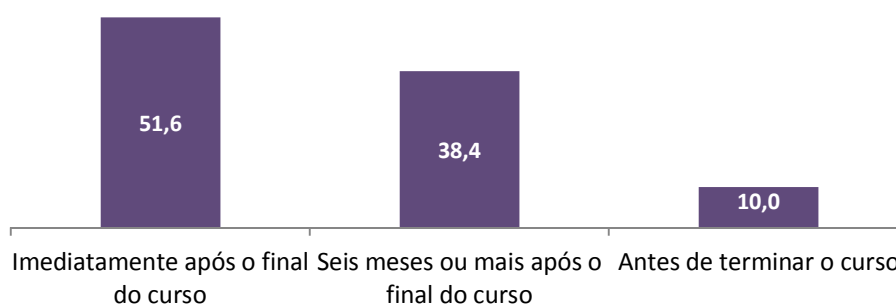
N=3 571

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

3.2. Integração no mercado de trabalho: uma prioridade para os jovens que frequentam os cursos profissionais

O segmento de jovens que trabalha em exclusivo representa a maioria daqueles que concluíram um curso profissional (51,4%). Mas que trajetos percorreram até à inserção no mercado de trabalho? Verificou-se que a maioria teve uma integração rápida no mercado de trabalho, 51,6% entraram imediatamente após o final do curso, mais 3,0 p.p. do que em 2016 (Figura 44). Apenas 10,0% destes jovens iniciou a sua atividade profissional antes de terminar o curso.

Figura 44 – Jovens dos cursos profissionais que se encontravam exclusivamente a trabalhar, por momento de inserção profissional no pós-secundário (%)



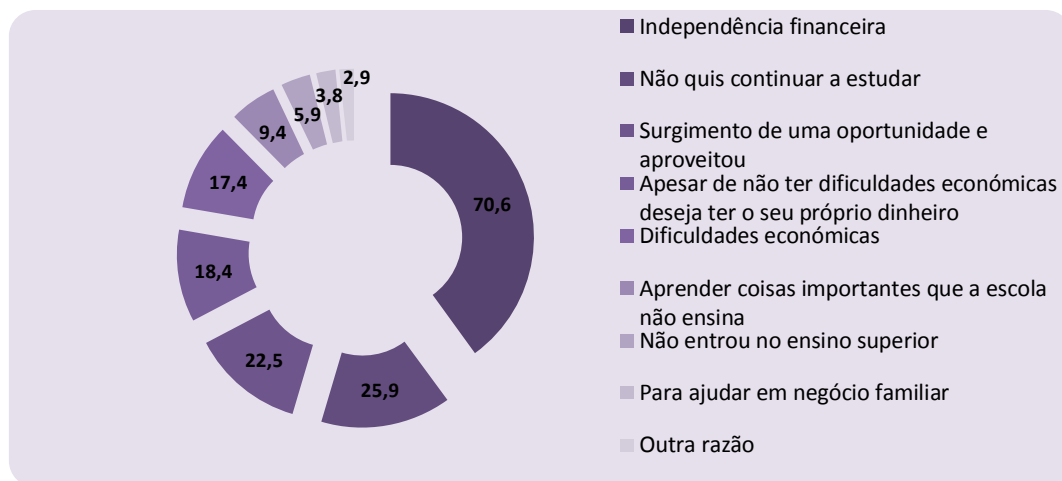
N=10 940

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

3.2.1 Independência financeira: um fator chave na decisão de começar a trabalhar

O principal motivo apontado para começarem a trabalhar foi a necessidade de independência financeira (70,6%) (Figura 45). Outras das razões mais enunciadas foram o facto de não quererem continuar a estudar (25,9%), e de ter surgido uma oportunidade que decidiram aproveitar (22,5%).

Figura 45 – Jovens dos cursos profissionais, por razões para começarem a trabalhar (%)



N=10 925

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

A análise das razões para terem começado a trabalhar, segundo o nível de escolaridade dominante na família, mostrou que quanto mais baixos são os recursos escolares das famílias, mais os jovens começaram a trabalhar por dificuldades económicas ($\leq 1.^\circ$ CEB – 18,0% face ao ensino superior – 12,2%) e por não quererem continuar a estudar ($\leq 1.^\circ$ CEB – 25,0% face ao ensino superior – 19,6%) (Quadro 5).

Numa situação diferente encontravam-se os jovens oriundos de famílias com habilitação escolar mais elevada, que justificam mais a integração no mercado de trabalho com o facto de desejarem ter o seu próprio dinheiro ($\leq 1.^\circ$ CEB – 15,1% face ao ensino superior – 20,0%) e considerarem que a trabalhar aprendem coisas que a escola não ensina ($\leq 1.^\circ$ CEB – 8,1% e ensino superior – 13,0%) e de não terem entrado no ensino superior ($\leq 1.^\circ$ CEB – 3,1% e ensino superior – 9,2%).

Quadro 5 – Jovens dos cursos profissionais, por razões para começarem a trabalhar e a escolaridade dominante na família (%)

RAZÕES PARA COMEÇAR A TRABALHAR	≤ 1.º CEB	2.º e 3.º CEB	Ensino secundário	Ensino superior
Independência financeira	73,1	70,3	69,8	71,0
Surgimento de uma oportunidade e aproveitou	25,3	21,3	23,5	23,6
Não quis continuar a estudar	25,0	27,6	23,7	19,6
Dificuldades económicas	18,0	17,9	17,2	12,2
Apesar de não ter dificuldades económicas deseja ter o seu próprio dinheiro	15,1	19,5	17,5	20,0
Aprender coisas importantes que a escola não ensina	8,1	8,6	11,4	13,0
Não entrou no ensino superior	3,1	6,1	6,3	9,2
Para ajudar em negócio familiar	2,6	4,8	3,0	1,4
Outra razão	2,5	2,8	3,3	4,5

N=10 925

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Segundo a média das classificações constatou-se que os jovens com médias mais baixas justificaram a entrada no mercado de trabalho por quererem ter o seu próprio dinheiro apesar da família não apresentar dificuldades económicas (10 a 14 valores – 19,0% face a 18 a 20 valores – 14,4%) (Quadro 6). Por sua vez, os que apresentaram notas mais elevadas referiram mais ter começado a trabalhar para aprenderem coisas que a escola não ensina (10 a 14 valores – 8,3% face a 18 a 20 valores – 15,0%).

Quadro 6 – Jovens dos cursos profissionais, por razões para começarem a trabalhar e a média das classificações no secundário (%)

RAZÕES PARA COMEÇAR A TRABALHAR	10-14 valores	15-17 valores	18-20 valores
Independência financeira	72,3	68,8	71,6
Não quis continuar a estudar	26,3	25,7	23,3
Surgimento de uma oportunidade	19,8	25,0	22,1
Apesar de não ter dificuldades económicas deseja ter o próprio dinheiro	19,0	18,3	14,4
Dificuldades económicas	17,2	17,7	20,5
Aprender coisas importantes que a escola não ensina	8,3	10,4	15,0
Para ajudar em negócio familiar	5,2	2,9	3,7
Não entrou no ensino superior	4,9	6,8	6,3
Outra razão	2,7	2,8	4,0

N=10 444

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

3.2.2 Inserção profissional: como obteve trabalho? Que regime? Que profissão?

Os principais meios para integração no mercado de trabalho foram através de uma candidatura espontânea (27,3%), com a ajuda de amigos e/ou familiares (22,5%) e colocação na empresa onde fez o estágio (18,8%) (Figura 46). De realçar que os cursos profissionais têm uma componente de estágio que, na maioria das escolas, é dividido por diferentes anos letivos e realizado em locais diferentes, possibilitando aos jovens dos cursos profissionais experienciar diferentes realidades laborais e facilitando uma possível integração na empresa onde estagiou.

Figura 46 – Jovens dos cursos profissionais, por modo de inserção profissional (%)

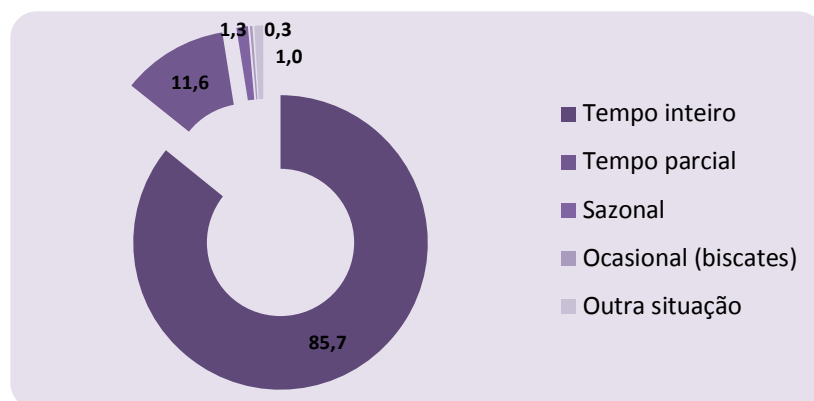


N=10 940

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Tendo em consideração que estes jovens se encontravam exclusivamente a trabalhar, a maior parte a tempo inteiro (85,7%) e cerca de 12% a tempo parcial, era residual a proporção de jovens que integraram o mercado de trabalho de forma sazonal (1,3%) e ocasional (0,3%) (Figura 47).

Figura 47 – Jovens dos cursos profissionais, por condição perante o trabalho (%)



N=10 940

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Estes jovens desempenhavam profissões enquadradas nos grupos: “pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores” (30,9%), “trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices” (20,6%) (Quadro 7).

Quadro 7 – Jovens dos cursos profissionais, por grande grupo profissional (%)

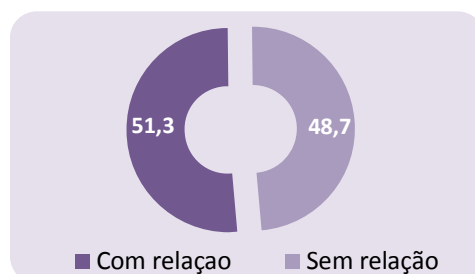
GRANDE GRUPO PROFISSIONAL DO JOVEM	2017
Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes e gestores executivos	1,4
Especialistas das atividades intelectuais e científicas	5,3
Técnicos e profissionais de nível intermédio'	13,4
Pessoal administrativo	11,2
Pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores	30,9
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta	1,3
Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices	20,6
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	4,1
Trabalhadores não qualificados	11,8
Total	100

N=10 044

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

De realçar que as profissões menos desempenhadas inserem-se no grupo profissional dos “agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta” (1,3%) e dos “representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes e gestores executivos” (1,4%). Para a maioria destes jovens (51,3%) existe relação entre a profissão atual e o seu projeto profissional futuro (Figura 48).

Figura 48 – Jovens dos cursos profissionais, por relação entre profissão atual e projeto profissional futuro (%)

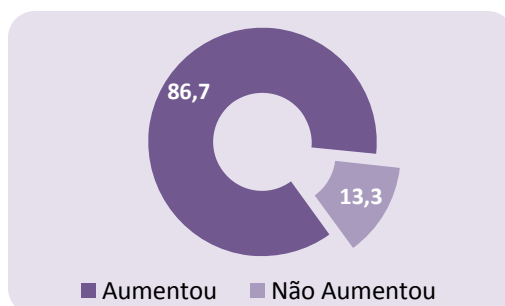


N=10 925

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Desta forma, não surpreende que quando questionados sobre se a conclusão do ensino secundário aumentava as hipóteses de encontrar um emprego, cerca de 87% dos jovens considerava que era uma mais-valia para conseguir trabalho (Figura 49).

Figura 49 – Jovens dos cursos profissionais, por opinião sobre se a conclusão do ensino secundário aumenta a possibilidade de encontrar um emprego (%)

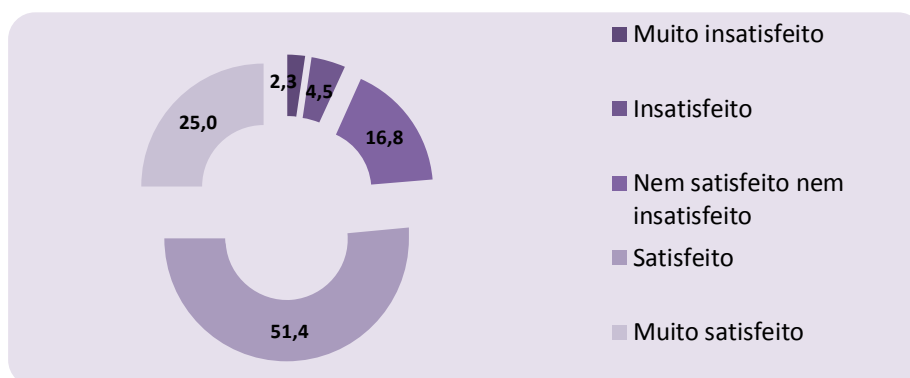


N=10 908

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Por fim, analisou-se o grau de satisfação dos jovens dos cursos profissionais relativamente ao trabalho que estavam a desempenhar, verificando-se que a maioria se encontrava satisfeita (muito satisfeito – 25,0% e satisfeito - 51,4%) (Figura 50). De realçar os 16,8% de jovens que não estavam satisfeitos, nem insatisfeitos com o seu trabalho.

Figura 50 – Grau de satisfação dos jovens dos cursos profissionais com o trabalho que estavam a desempenhar (%)



N=10 916

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

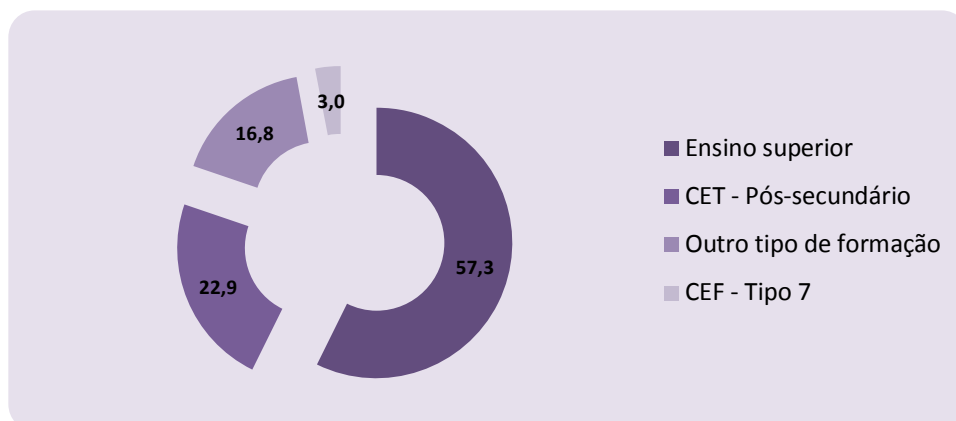
3.3. Entre trajeto profissional e o trajeto escolar: o percurso dos trabalhadores estudantes

Os jovens dos cursos profissionais que se encontravam a trabalhar e a estudar ao mesmo tempo no momento de inquirição representavam 2,4% do total de jovens (e 6,8% no segmento dos jovens que concluíram um curso profissional).

3.3.1 Formação e área de estudo a seguir no trajeto pós-secundário

Os jovens trabalhadores estudantes frequentavam maioritariamente o ensino superior (57,3%) observando-se um aumento de 5.4 p.p. em relação a 2016, seguindo-se os que frequentavam cursos de especialização tecnológica (22,9%) (Figura 51).

Figura 51 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos profissionais, por formação frequentada no pós-secundário (%)

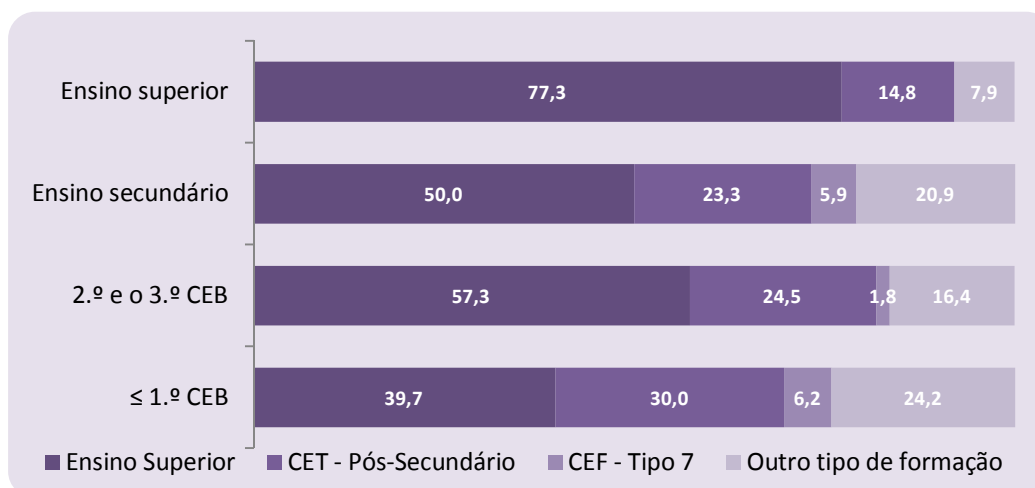


N=1 574

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Por nível de escolaridade dominante na família constatou-se que, quanto mais elevadas as habilitações escolares da família, mais estes referiram estar a fazer um curso superior ($\leq 1.^\circ$ CEB – 39,7% e ensino superior – 77,3%); por outro lado, foi entre os jovens cujas famílias tinham menos habilitações que se registaram percentagens mais elevadas de opção pelos cursos de especialização tecnológica ($\leq 1.^\circ$ CEB – 30,0% e ensino superior – 14,8%) (Figura 52).

Figura 52 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos profissionais, por nível de escolaridade da família e trajeto escolar no pós-secundário (%)

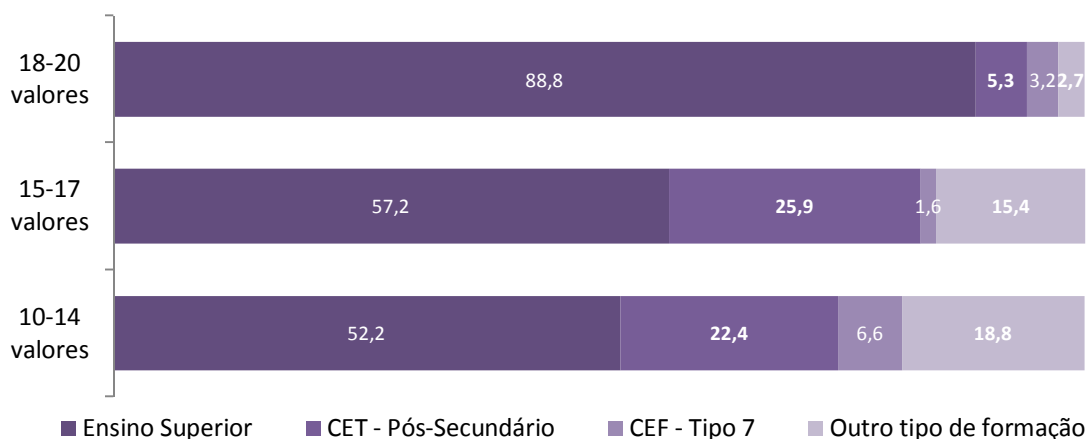


N=1 574

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Uma análise da média das classificações no ensino secundário também revelou diferenças assinaláveis constatando-se que, quanto mais elevada era a média das classificações dos trabalhadores estudantes, mais estes referiram estar a frequentar o ensino superior (18-20 valores – 88,8% face a 10-14 valores - 52,2%) (Figura 53). Numa situação diferente encontravam-se os jovens cuja média de classificações era mais baixa e que, comparativamente, optaram mais por cursos de especialização tecnológica (18-20 valores – 5,3% face a 10-14 valores - 22,4%).

Figura 53 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos profissionais, por média global de classificações no ensino secundário e o trajeto escolar no pós-secundário (%)

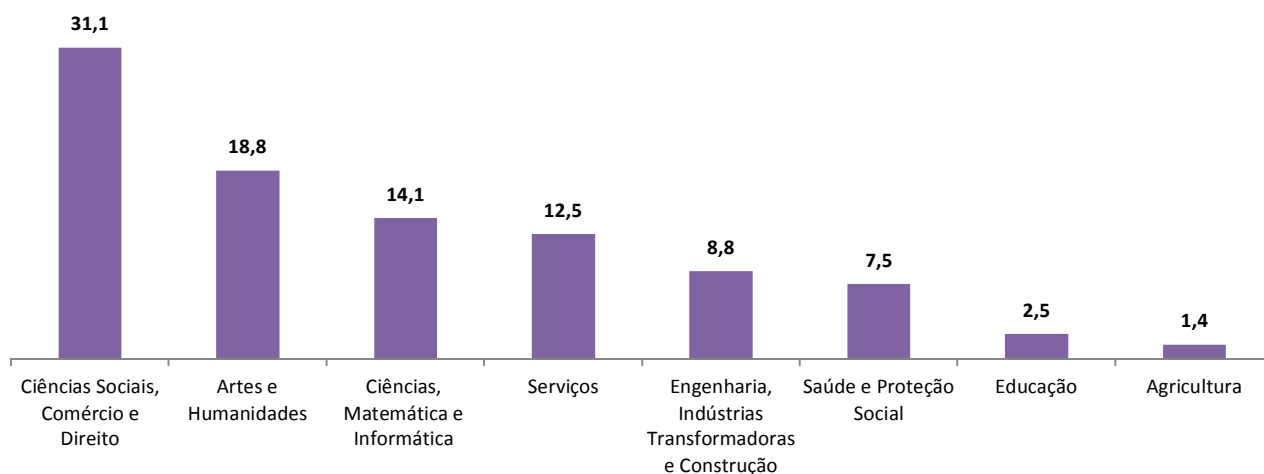


N=1 279

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Relativamente à área de formação dos cursos que estes jovens frequentavam, cerca de metade escolheram as áreas das ciências sociais, comércio e direito (31,1%) que cresceu 6,5 p.p. em relação a 2016 ou artes e humanidades (18,8%) (Figura 54). Destacou-se ainda, a escolha das áreas das ciências, matemática e informática (14,1%).

Figura 54 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos profissionais que prosseguiram estudos pós-secundários, por área de estudo (%)

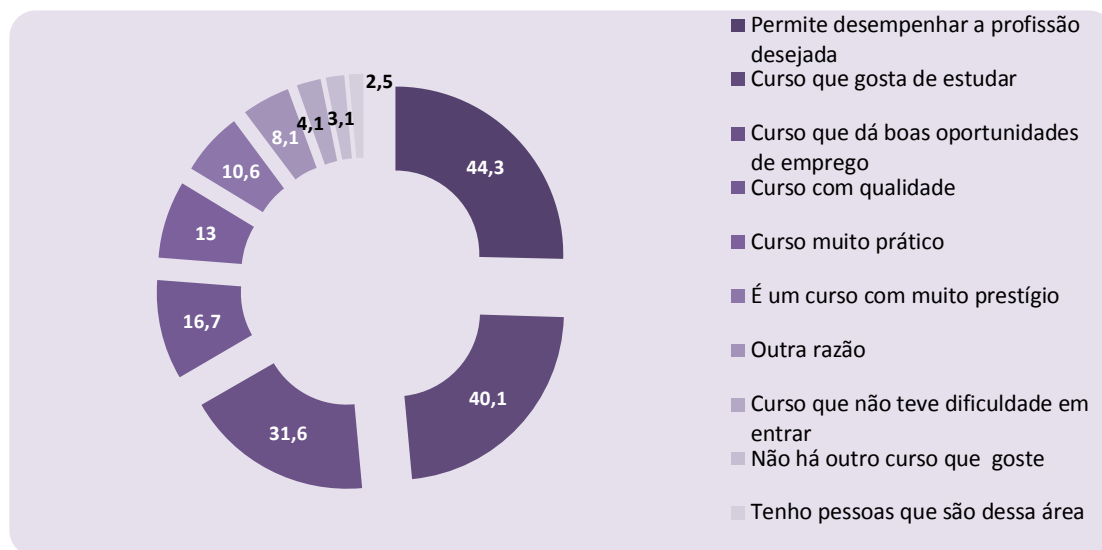


N=1 189

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

O facto do curso frequentado permitir desempenhar a profissão desejada (44,3%), ser o curso que gostam de estudar (40,1%) e dar boas oportunidades de emprego (31,6%) foram os motivos mais apontados pelos trabalhadores estudantes para a escolha do curso ou formação no pós-secundário (Figura 55). De salientar, o facto de 2/5 dos jovens estudantes considerarem um dos principais motivos para a escolha do curso o facto de ser o que gostariam de estudar, e deste ter sido o que registou o maior aumento em relação a 2016 (mais 8,3 p.p.).

Figura 55 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos profissionais que prosseguiram estudos pós-secundários, por razões para a escolha do curso ou formação (%)



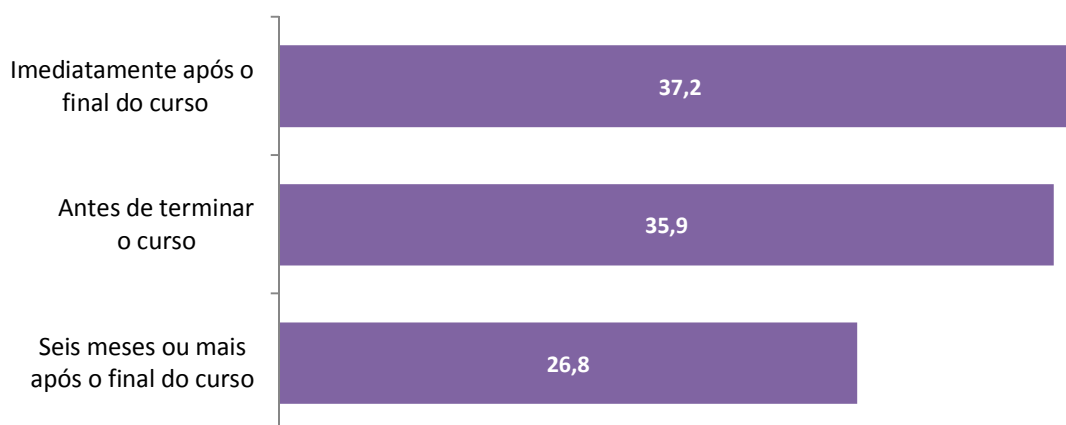
N=1 442

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

3.3.2 Momento de inserção profissional

Analisando o trajeto profissional dos jovens trabalhadores estudantes pelo momento de inserção profissional, constatou-se que os jovens integraram o mercado de trabalho imediatamente após o final do curso (37,2%), e cerca de 36% antes de terminar o curso (decréscimo de 6,9 p.p. face a 2016). (Figura 56)

Figura 56 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos profissionais, por momento de inserção profissional (%)



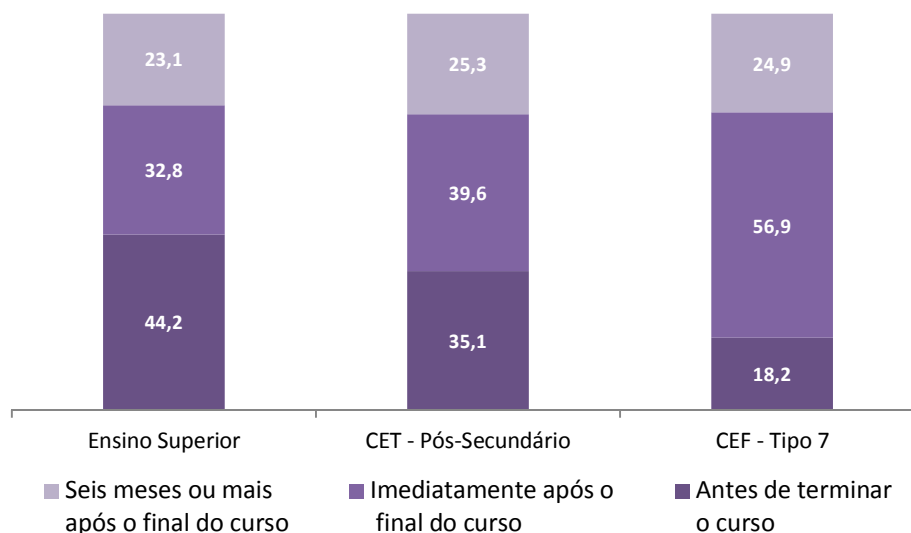
N=1 321

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Os trabalhadores estudantes dos cursos profissionais que integraram o mercado de trabalho antes de terminarem o ensino secundário estavam sobretudo no ensino superior (44,2%) (Figura 57). Os

jovens que começaram a trabalhar logo após terminarem o ensino secundário estavam principalmente nos cursos de especialização profissional (CEF – 56,9% e CET – 39,6%).

Figura 57 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos profissionais, por momento de inserção profissional e a formação frequentada (%)



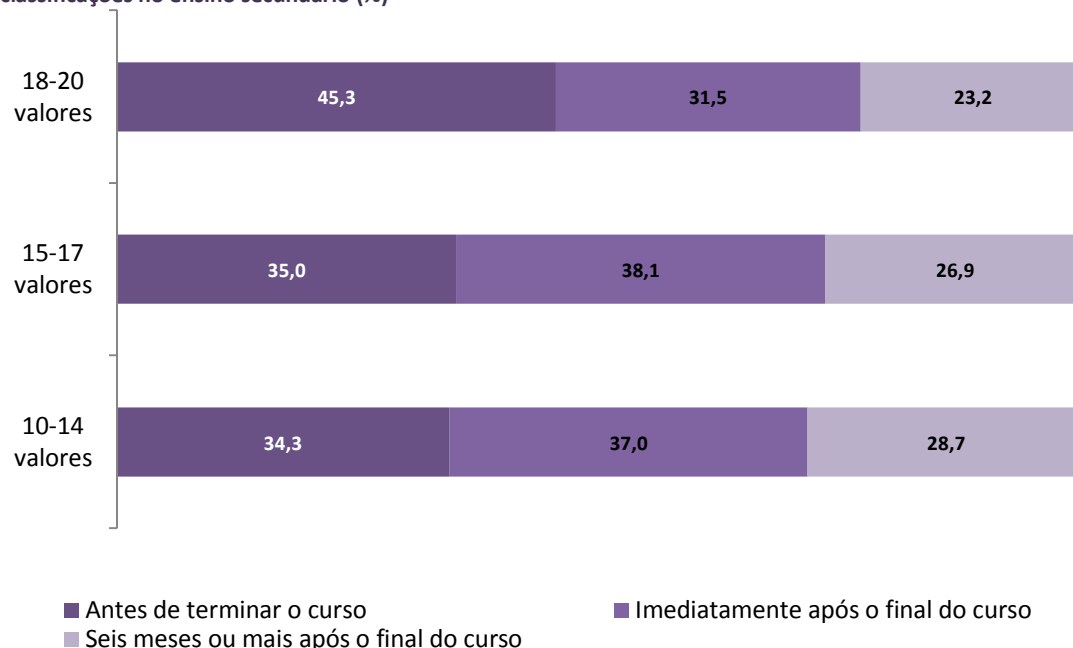
N=1 100

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Segundo o nível de escolaridade dominante na família, constatou-se que quanto mais elevados os recursos escolares da família mais os jovens integraram o mercado de trabalho antes de terminar o curso (\leq 1.º CEB – 26,8% e ensino superior – 39,7%). Contudo esta diferença diminuiu em relação a 2016 em 20,0 p.p. (\leq 1.º CEB – 32,6% e ensino superior – 59,7%).

Segundo a média global das classificações dos jovens no ensino secundário, os jovens que apresentavam uma média entre os 10-17 valores foram os que mais referiram ter começado a trabalhar imediatamente após o final do curso (10-14 valores – 37,0% e 15-17 valores 38,1%) enquanto os que apresentavam uma média entre os 18 e os 20 valores foram absorvidos pelo mercado de trabalho antes de terminar o curso (45,3%) (Figura 58).

Figura 58 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos profissionais, por momento de inserção profissional e média das classificações no ensino secundário (%)



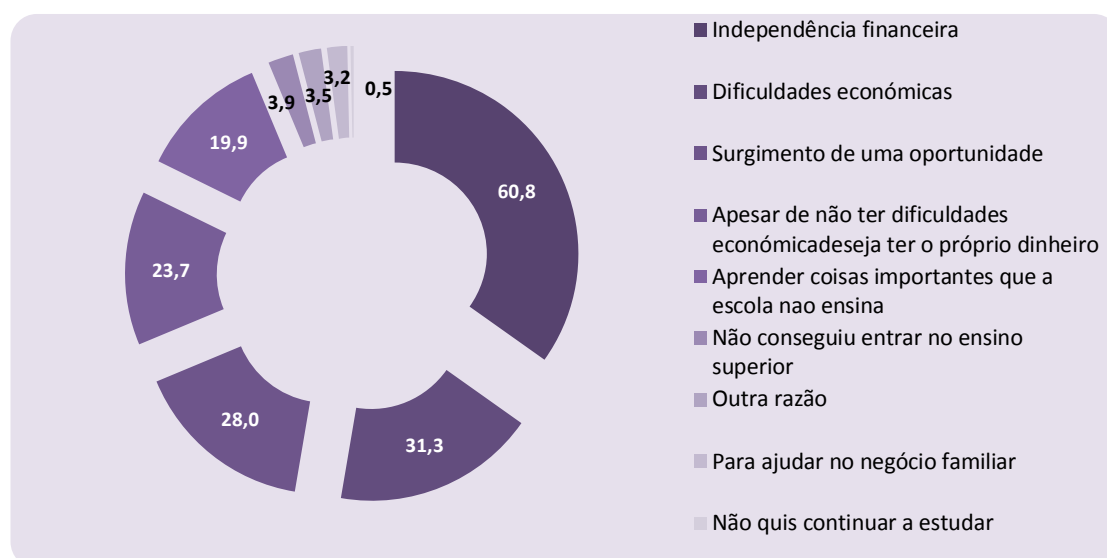
N=1 279

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

3.3.3 Razões para começar a trabalhar e quais as profissões desempenhadas

As questões económicas são as que mais justificaram a integração dos jovens trabalhadores estudantes no mercado de trabalho, destacando-se a necessidade de conseguirem independência financeira (60,8%) e o facto de terem dificuldades económicas (31,3%). (Figura 59)

Figura 59 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos profissionais, por razões para terem começado a trabalhar (%)

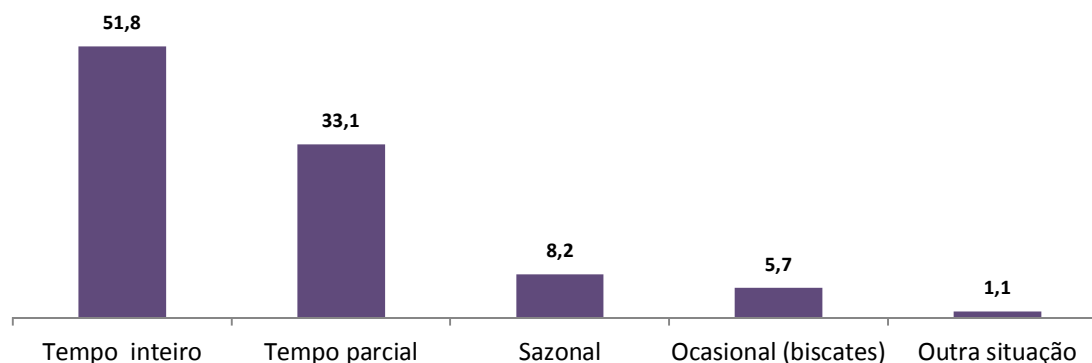


N=1 330

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Cerca de metade dos jovens trabalhadores estudantes referiu estar a trabalhar a tempo inteiro (51,8%), seguindo-se os que se encontravam numa situação de trabalho a tempo parcial (33,1%). (Figura 60) O trabalho sazonal (8,2%) e ocasional (5,7%) assumiu, entre estes jovens, valores residuais. De realçar que a maioria dos jovens que trabalhavam a tempo inteiro, começou a trabalhar ou imediatamente após o final do curso (53,4%) ou seis ou mais meses após o final do curso (29,5%).

Figura 60 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos profissionais, por condição perante o trabalho (%)



N=1 330

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Tendo em consideração que estes jovens detentores de um curso profissional estavam, simultaneamente, a estudar e a trabalhar, não seria expectável que a maioria estivesse a trabalhar a tempo inteiro, no entanto, percebe-se que é uma opção assumida pois quando se analisa a formação frequentada deste grupo de jovens que trabalha a tempo inteiro (51,8%) observou-se que existe muita dispersão, existindo 35,6% que está a tirar um curso no ensino superior, 30,2% um curso de especialização tecnológica e 27,3% outro tipo de formação. Apesar de estarem a trabalhar a tempo inteiro, na sua maioria (57,5%), estes jovens encontravam-se a fazer um curso de curta duração.

Relativamente ao grande grupo profissional das profissões desempenhadas pelos trabalhadores estudantes detentores de um curso profissional: a maioria estava inserida nos grupos do “pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores” (43,0%), dos “especialistas das atividades intelectuais e científicas” (16,0%) e dos “técnicos e profissionais de nível intermédio” (13,3%) (Quadro 8).

Quadro 8 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos profissionais, por grande grupo profissional (%)

GRANDE GRUPO PROFISSIONAL DO JOVEM	2017
Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes e gestores executivos	0,9
Especialistas das atividades intelectuais e científicas	16,0
Técnicos e profissionais de nível intermédio'	13,3
Pessoal administrativo	8,4
Pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores	43,0
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta	0,5
Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices	9,2
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	1,4
Trabalhadores não qualificados	7,4

N=1 181

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

4. Representações e avaliações

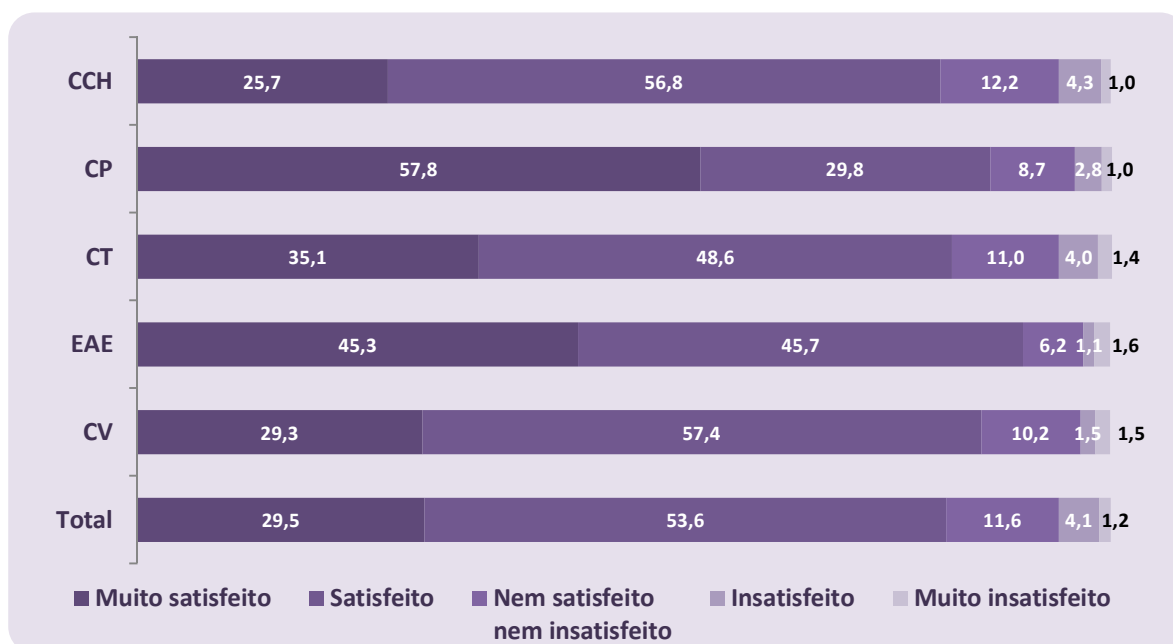
O ensino secundário é um nível de ensino onde são tomadas decisões cruciais a nível escolar e profissional que impactam a vida dos jovens no percurso pós-secundário. As vivências experienciadas neste nível de ensino ajudam a definir os projetos futuros e escolhas escolares e profissionais. Neste capítulo pretende-se compreender as representações e avaliações dos jovens a estes níveis: qual o grau de satisfação dos jovens com o curso, a escola e os professores? Que competências foram desenvolvidas no curso frequentado? Quais as vantagens da conclusão do ensino secundário no prosseguimento de estudos e na integração do mercado de trabalho?

4.1 Satisfação com o curso, a escola e os professores

A maioria dos jovens encontrava-se satisfeita (53,6%) ou muito satisfeita (29,5%) com o curso frequentado no ensino secundário.

Os cursos cujos jovens reportaram maior grau de satisfação foram o ensino artístico especializado (91,0%) e os cursos profissionais (87,6%). (Figura 61) Já no que refere aos cursos científico-humanísticos, é nestes que há a registar a mais elevada percentagem de alunos com uma apreciação neutra (12,2%). Apesar de em níveis residuais, foi nos cursos tecnológicos que se observaram mais insatisfeitos com o curso (5,4%), seguindo-se os dos cursos científico-humanísticos (5,3%).

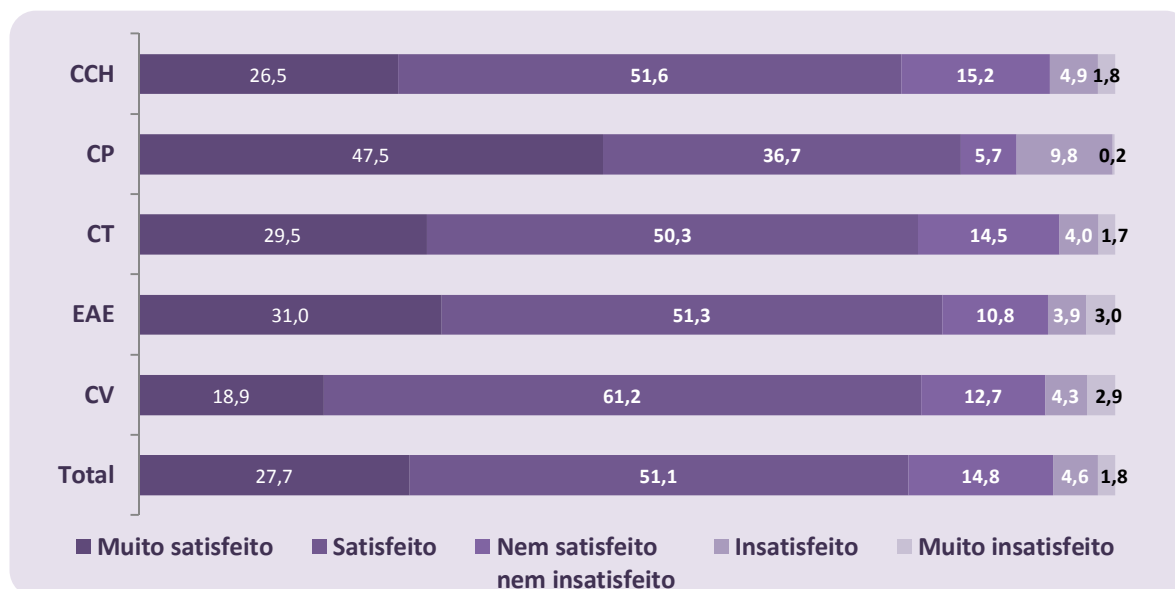
Figura 61 – Grau de satisfação dos jovens em relação ao curso, por oferta de educação e formação (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Quando se analisa a satisfação dos jovens face à escola, os dados são muito idênticos a estes, existindo 51,1% dos jovens satisfeitos e 27,7% muito satisfeitos (Figura 62).

Figura 62 – Grau de satisfação dos jovens em relação à escola, por oferta de educação e formação (%)

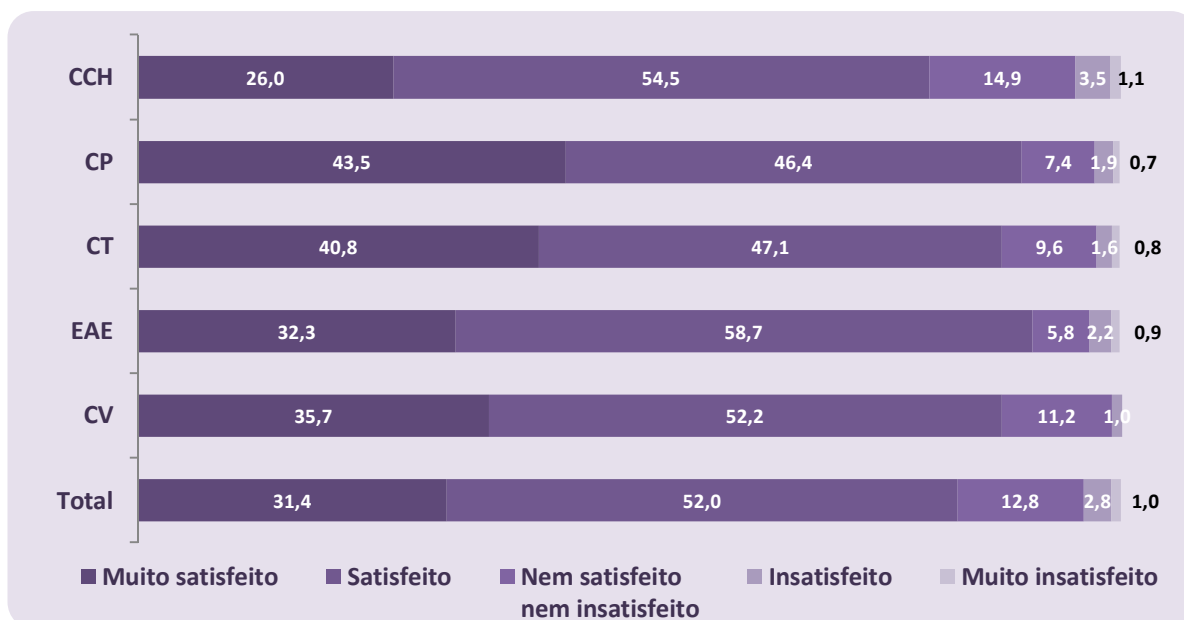


Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Mais uma vez, eram os jovens dos cursos do ensino artístico especializado (82,3%) e dos cursos profissionais (84,2%) que se encontravam mais satisfeitos com a escola. Aqueles que mais se mostraram neutros foram os jovens dos cursos científico-humanísticos (15,2%) e dos cursos tecnológicos (14,5%).

Em relação aos professores, existe por parte dos jovens uma perceção muito similar às anteriores, uma vez que 52,0% estavam satisfeitos e 31,4% estavam muito satisfeitos (Figura 63). Das três dimensões analisadas, os jovens encontravam-se, comparativamente, mais satisfeitos com a relação que tiveram com os professores (83,4%) que com a escola (78,8%).

Figura 63 – Grau de satisfação dos jovens com os professores, por oferta de educação e formação (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Os jovens dos cursos do ensino artístico especializado (91,0%) e dos cursos profissionais (89,9%) eram mais uma vez os que se encontravam mais satisfeitos com a relação estabelecida com os professores, estando em consonância com as dimensões de análise anteriores. Apesar de ser um valor residual, 4,6% dos jovens dos cursos científico-humanísticos revelaram estar insatisfeitos e 14,9% demonstraram ter uma posição neutra face ao relacionamento com os professores.

Os jovens que mais se encontravam satisfeitos com os professores, o curso e a escola, eram os que frequentaram um curso profissional ou um curso do ensino artístico especializado. Numa situação oposta estavam os que frequentaram os cursos científico-humanísticos, uma vez que eram os que demonstraram um menor grau de satisfação com qualquer uma das dimensões analisadas.

4.2 Competências desenvolvidas no ensino secundário: cursos científico-humanísticos versus cursos profissionais

Durante o percurso pelo ensino secundário os jovens são dotados de um conjunto de competências valorizadas socialmente e que facilitam o seu percurso de transição para o ensino superior e/ou profissional futuro. Que competências os jovens consideram terem sido desenvolvidas ao longo do ensino secundário? Esta análise foi realizada entre os que frequentaram os cursos científico-humanísticos e os cursos profissionais.

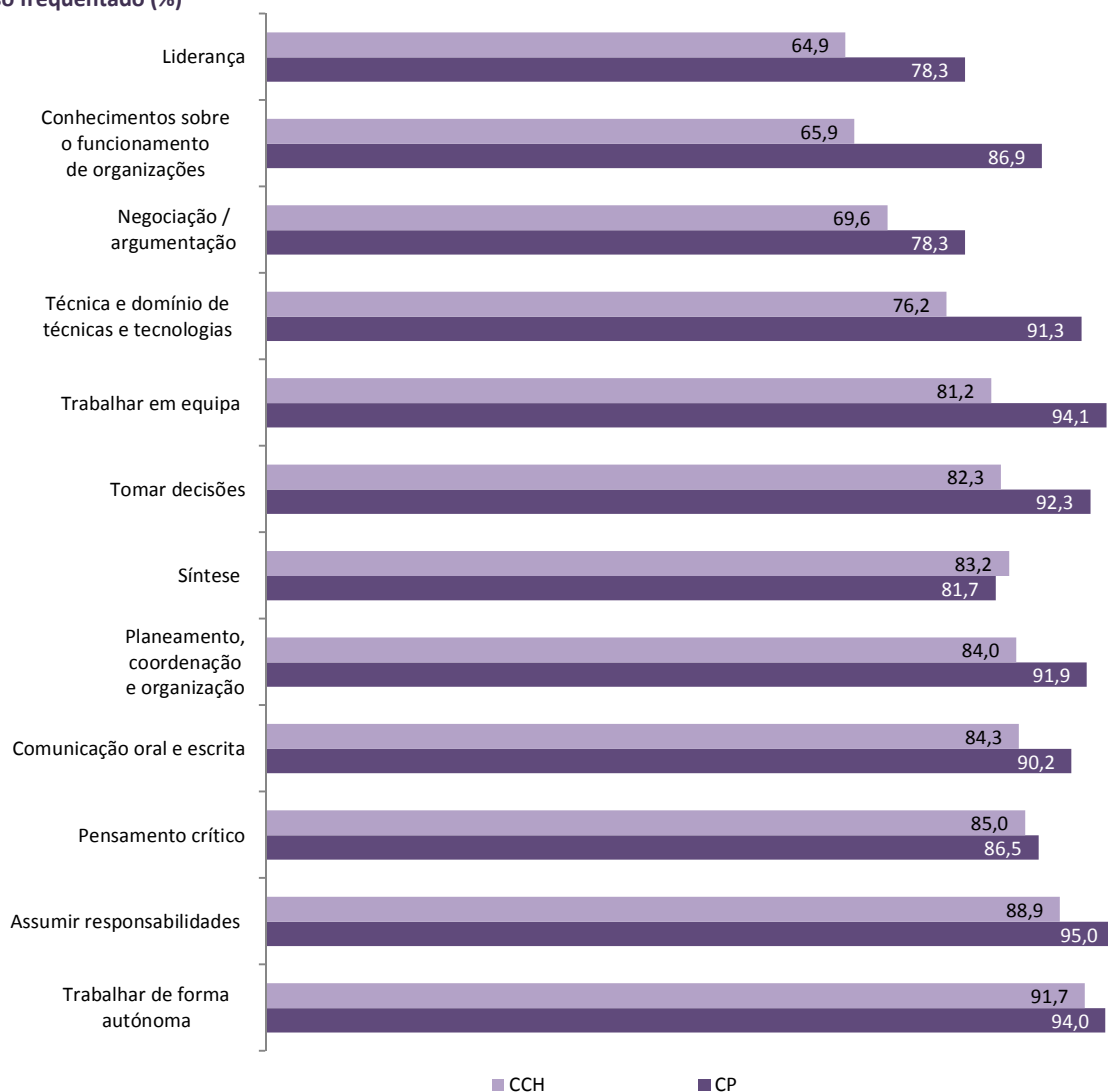
Os jovens que frequentaram os cursos profissionais, por comparação com os que frequentaram os cursos científico-humanísticos, avaliaram de forma mais positiva as diversas competências desenvolvidas no curso frequentado, com exceção da capacidade de síntese.

Por outro lado, destaca-se que em ambas as ofertas de educação e formação, as competências que os jovens mais apontaram como tendo sido desenvolvidas foram “assumir responsabilidades” (cursos científico-humanísticos – 88,9% e cursos profissionais 95,0%) e “trabalhar de forma autónoma” (91,7% e 94,0%, respetivamente), enquanto as menos destacadas relacionam-se com a capacidade de “negociação/argumentação” (69,6% e 78,3%, respetivamente) e de “liderança” (64,9% e 78,3%, respetivamente) (Figura 64).

A capacidade de “trabalhar em equipa” (94,1% face a 81,2%) e de “tomar decisões” (92,3% face a 82,3%) foram as capacidades que os jovens dos cursos profissionais mais consideraram desenvolvidas com uma diferença de 10 p.p. ou mais face aos dos cursos científico-humanísticos. A “capacidade de negociação/argumentação” e “liderança” foram as que tiveram uma menor percentagem destes jovens a reconhecê-las como tendo sido desenvolvidas (ambas 78,3%).

Por outro lado, a capacidade de “trabalhar de forma autónoma” (91,7%), “assumir responsabilidades” (88,9%) e ter “pensamento crítico” (85,0%), foram as competências mais destacadas pelos jovens que frequentaram os cursos científico-humanísticos. Já o “conhecimento sobre o funcionamento das organizações” (65,9%) e a “liderança” (64,9%) apresentaram, entre estes jovens, as percentagens mais baixas de reconhecimento enquanto capacidades desenvolvidas.

Figura 64 – Jovens dos cursos científico-humanísticos e dos cursos profissionais, por competências desenvolvidas no curso frequentado (%)



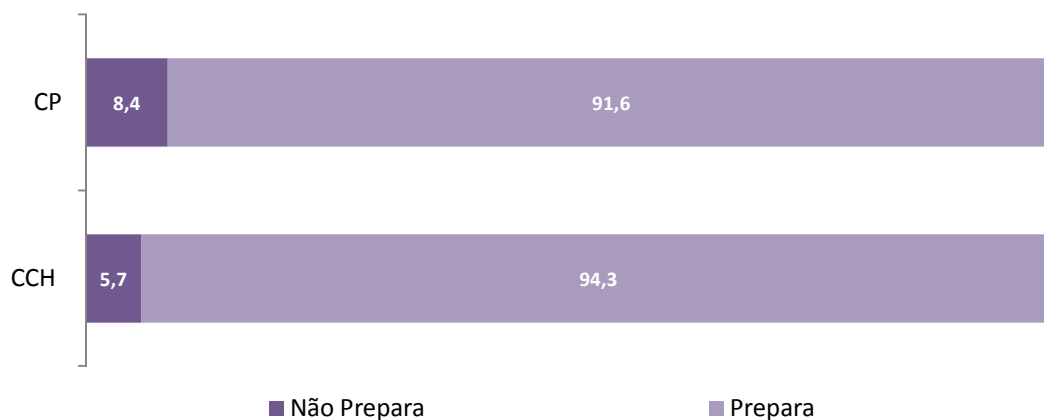
Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

4.3 Vantagens do ensino secundário no prosseguimento de estudos e na integração no mercado de trabalho

De seguida procura-se perceber se os jovens consideravam que o ensino secundário os preparou para o prosseguimento de estudos e para a integração no mercado de trabalho.

A maioria dos jovens considerou que o ensino secundário os preparou para o prosseguimento de estudos independentemente da oferta de educação e formação obtida (cursos científico-humanísticos 94,3% e cursos profissionais 91,6%). (Figura 65)

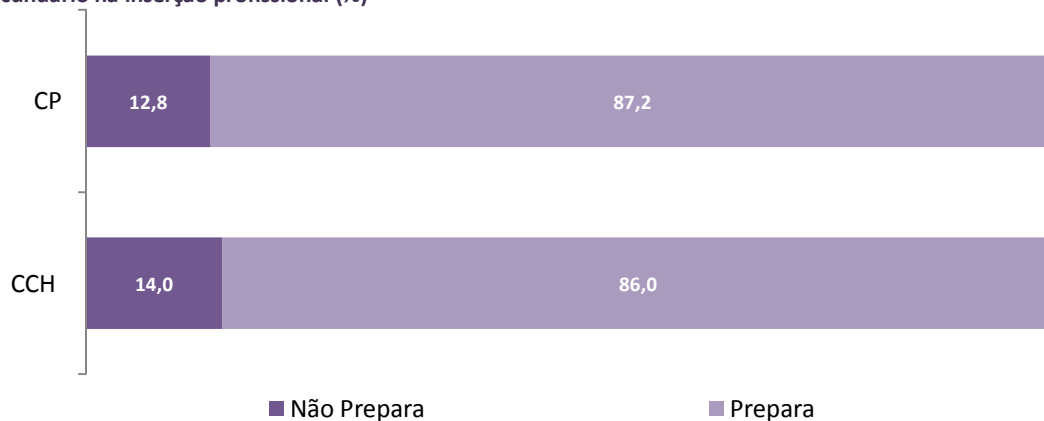
Figura 65 – Jovens dos cursos científico-humanísticos e dos cursos profissionais, por vantagens da conclusão do ensino secundário no prosseguimento de estudos (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

A percepção dos jovens quanto à vantagem da conclusão do ensino secundário na integração do mercado de trabalho era muito semelhante, uma vez que tanto os jovens dos cursos científico-humanísticos (86,0%), como os dos cursos profissionais (87,2%) consideraram que este nível de ensino facilita a entrada no mercado de trabalho. (Figura 66)

Figura 66 – Jovens dos cursos científico-humanísticos e dos cursos profissionais, por vantagens da conclusão do ensino secundário na inserção profissional (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2017.

Importa destacar que independentemente da oferta de educação obtida, todos consideraram que o ensino secundário os preparou mais para o prosseguimento de estudos do que para a integração no mercado de trabalho.

Nota metodológica

Os resultados apresentados neste documento resultam da aplicação do questionário “Jovens no pós-secundário, 2017”, que foi realizado entre outubro de 2017 e maio de 2018 no âmbito do acompanhamento dos trajetos escolares dos estudantes no ensino secundário.

A recolha destes dados é realizada através do envio do inquérito por correio eletrónico para os jovens que responderam aos questionários "estudantes à entrada 2013/14" e/ou “estudantes à saída do secundário 2015/16”.

Esta edição do inquérito “jovens no pós-secundário 2017” é de carácter censitário, e visa retratar o percurso dos 67.410 jovens que concluíram o ensino secundário, contando com 28,3% de respostas e 71,7% de dados extrapolados.

Para mais informações sobre estes dados, consultar os sumários estatísticos do inquérito em <http://www.dgeec.mec.pt/np4/47/> ou contactar a Equipa de Estudos da Educação e Ciência (EEEC/DGEEC) através do seguinte endereço eletrónico: dgeec.eeec@dgeec.mec.pt

Anexos

Tabela 1 – Caracterização das várias ofertas de educação e formação com equivalência ao ensino secundário abrangidas no OTES

Cursos	Descrição	Destinatários	Duração
Científico-Humanísticos (CCH)	Oferta educativa vocacionada para o prosseguimento de estudos de nível superior, de carácter universitário ou politécnico. Conferem um diploma de conclusão do ensino secundário.	Jovens com o 9.º ano de escolaridade ou equivalente	
Ensino Artísticos Especializado (EAE)	Formação nas áreas da dança, da música e das artes visuais e dos audiovisuais. Estes cursos estão orientados na dupla perspetiva do prosseguimento de estudos em cursos de especialização tecnológica ou de ensino superior e da inserção no mundo do trabalho. Nestes cursos a avaliação assume modalidades diferentes em função da vertente artística de formação, conferindo um diploma de conclusão do nível secundário de educação, e um certificado de qualificação profissional de nível 4.	Jovens com o 9.º ano de escolaridade ou equivalente	Curso do ensino secundário com a duração de três anos letivos (10.º, 11.º e 12.º anos de escolaridade).
Cursos Profissionais (CP)	Os Cursos Profissionais (1) contribuem para que se desenvolvam competências pessoais e profissionais para o exercício de uma profissão; (2) privilegiam as ofertas formativas que correspondem às necessidades de trabalho locais e regionais; (3) preparam para aceder a formações pós-secundárias ou ao ensino superior. A conclusão, com aproveitamento, confere um diploma de nível secundário de educação e um certificado de qualificação profissional de nível 4.	Jovens com o 9.º ano de escolaridade ou equivalente	Três anos do ciclo de formação modular, a gerir pela escola.
Cursos Tecnológicos (CT)	São cursos profissionalmente qualificantes, orientados na dupla perspetiva da inserção no mundo do trabalho e do prosseguimento de estudos para os cursos pós-secundários de especialização tecnológica e para o ensino superior. Conferem um diploma de conclusão do ensino secundário e um certificado de qualificação profissional de nível 4.	Jovens com o 9.º ano de escolaridade ou equivalente	Curso do ensino secundário com a duração de três anos letivos (10.º, 11.º e 12.º anos de escolaridade).
Cursos Vocacionais (CV)	Estes cursos procuram dar resposta às exigências da saída profissional que se pretende obter. Conferem um diploma de conclusão do ensino secundário e um certificado de qualificação profissional de nível 4.	Jovens a partir dos 16 anos de idade com o 9.º ano de escolaridade ou equivalente.	Têm duração de dois anos e uma estrutura curricular organizada por módulos.

Tabela 1.1 – Caracterização das várias ofertas de educação e formação pós-secundária, abrangidas no OTES

	Cursos	Descrição
Ensino superior	Universitário e Politécnico	Nível de ensino que compreende o ensino universitário e politécnico, aos quais têm acesso indivíduos habilitados com um curso secundário ou equivalente e indivíduos maiores de 23 anos que, não possuindo a referida habilitação, revelem qualificação para a sua frequência através de prestação de provas.
	Cursos técnico superior profissional (TeSP)	Destinam-se a: jovens com o 12.º ano ou equivalente; alunos que tenham sido aprovados nas provas destinadas a avaliar a capacidade para a frequência do ensino superior dos maiores de 23 anos, realizadas para o curso em causa; alunos que tendo obtido aprovação em todas as disciplinas dos 10.º e 11.º anos de um curso de ensino secundário ou equivalente que sejam considerados aptos através de prova de avaliação de capacidade; e os titulares de um diploma de especialização tecnológica, de um diploma de técnico superior profissional ou de um grau de ensino superior, que pretendam a sua requalificação profissional. Estes cursos têm 120 créditos, a duração de quatro semestres letivos e diploma de conclusão do ensino secundário e qualificação profissional de nível 4.
Curso de especialização profissional (CEP)	Cursos de Especialização Tecnológica (CET)	Formações pós-secundárias não superiores que preparam para uma especialização científica ou tecnológica numa determinada área de formação. A organização do curso tem componentes de formação em contexto escolar e em contexto de trabalho e uma qualificação profissional de nível 5.
	Cursos de Educação e Formação (CEF – tipo 7)	São percursos flexíveis e ajustados aos interesses de cada aluno, constituindo-se como uma oportunidade de prosseguimento de estudos ou formação que permita uma entrada qualificada no mundo do trabalho. A conclusão de um CEF de nível 7, com total aproveitamento, confere uma certificação profissional de nível 4. Destinam-se a jovens titulares do 12º ano de um curso científico-humanístico ou equivalente do nível secundário de educação que pertença à mesma ou a área de formação. Têm um percurso com a duração de 1 ano.